



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Revisão de Literatura na área da Qualidade de Auditoria

Ana Sofia Carvalho Santos

Católica Porto Business School
Junho 2019



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Revisão de Literatura na área da Qualidade de Auditoria

Trabalho Final na modalidade de Dissertação
apresentado à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de mestre em Auditoria e Fiscalidade

por

Ana Sofia Carvalho Santos

sob orientação de
Professora Doutora Maria Luísa Anacoreta Correia

Católica Porto Business School
Junho 2019

Agradecimentos

Quero agradecer do fundo do coração a todos aqueles que tornaram possível a realização deste trabalho final de mestrado.

A minha primeira palavra de agradecimento não poderia deixar de ser para a minha orientadora Professora Doutora Maria Luísa Anacoreta pela disponibilidade dispensada.

À minha família agradeço pelo apoio incondicional e dedicação aos longo de todos estes anos. Em particular, agradeço aos meus pais e ao meu irmão por estarem sempre presentes quando mais precisei, por todo o carinho e amor que me transmitiram sempre.

Ao meu namorado por toda a paciência e carinho que demonstrou durante todo o meu percurso académico.

Às minhas amigas pelas palavras de motivação constantes.

A todos, muito obrigada por tudo.

Resumo

Dada a crescente preocupação em geral sobre o impacto da qualidade de auditoria na atualidade e o modo controverso sobre qual a melhor forma de avaliar, os autores têm recorrido a diversos determinantes essencialmente aos honorários de auditoria, dimensão do auditor, especialização do auditor, relação da duração auditor-cliente e, ainda, à rotação do auditor.

O objetivo deste trabalho é, assim, analisar a literatura em torno da qualidade de auditoria, dando especial enfoque aos estudos realizados nos anos mais recentes (desde 2014), de modo a identificar e sistematizar as relações detetadas pela literatura entre a qualidade de auditoria e os seus determinantes.

Nota-se que, após a revisão dos diversos estudos encontrados no período 2014-2019, é possível concluir que não existe consenso em qual o melhor determinante para avaliar a qualidade de auditoria. A mesma pode melhorar, piorar ou mesmo não variar de modo significativo em função do impacto dos potenciais determinantes. Também se encontraram efeitos de controlo e moderação entre alguns determinantes.

São expostas algumas limitações encontradas nestes estudos e também diversas sugestões para futuras pesquisas.

Palavras-chave: Qualidade de Auditoria, Determinantes da Qualidade de Auditoria, *Proxies* de Qualidade de Auditoria.

Abstract

Given the growing general concern about the impact of current audit quality and the controversial way to evaluate it, authors have resorted a number of determinants, mainly audit fees, audit size, audit tenure, audit specialization and, also, auditor rotation.

The aim of this work is to investigate the literature of the last few years, specifically between 2014 and 2019, in order to understand the relationship between AQ and its determinants.

It is noticeable that, after reviewing the various studies for the 2014-2019 period, it is possible to conclude that there is no consensus on which is the best determinant for evaluating audit quality. It can improve, worsen or even not vary significantly with the impact of these determinants. Control and moderation effects were also found amongst some determinants.

Some limitations present in these studies and also several suggestions for future research, are referred in this thesis.

Keywords: Audit Quality, Audit Quality Determinants, Audit Quality Proxies.

Índice

Agradecimentos	v
Resumo	vii
Abstract	ix
1. Introdução.....	17
2. Auditoria e Qualidade de Auditoria: Definições e principais características. 19	
2.1. Conceito de Auditoria	19
2.2. Qualidade de Auditoria	23
2.2.1. Definições da Qualidade de Auditoria.....	23
3. Determinantes da Qualidade de Auditoria	25
3.1 Honorários de Auditoria.....	26
3.2 Características do Auditor: Dimensão da empresa de auditoria e Especialização do auditor	35
3.3 Relação entre auditor-cliente: Duração da relação entre auditor-cliente e Rotação do auditor.....	51
4. Sugestões de linhas de investigação futuras.....	66
4.1 Honorários de Auditoria.....	66
4.2 Dimensão da Empresa de Auditoria	70
4.3 Especialização na Indústria	72
4.4 Manutenção da relação auditor-cliente	74
4.5 Rotação do Auditor.....	76
5. Conclusão.....	79
Bibliografia.....	83

Índice de Figuras

<i>Figura 1: Determinantes da Qualidade de Auditoria.....</i>	<i>26</i>
---	-----------

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1. Descrição das investigações sobre a relação entre os honorários de auditoria e a QA.</i>	<i>34</i>
<i>Tabela 2: Descrição das investigações sobre a relação entre a dimensão da empresa de auditoria e a QA.</i>	<i>44</i>
<i>Tabela 3. Descrição das investigações sobre a relação entre a especialização na indústria pelo auditor e a QA.....</i>	<i>50</i>
<i>Tabela 4. Descrição das investigações sobre a relação entre o mandato do auditor e a QA.</i>	<i>59</i>
<i>Tabela 5. Descrição das investigações sobre a relação entre a rotação do auditor e a QA.</i>	<i>65</i>

Capítulo 1

Introdução

A profissão de auditoria tem sido exposta, nos últimos anos, a um conjunto de questões e dúvidas sobre a importância do auditor, assim como o seu profissionalismo, desempenho e credibilidade (Marques, 2017).

Como consequência da recente crise financeira, assim como a ocorrência das recentes fraudes sucessivas no mercado de capitais, os auditores são, com muita frequência, expostos a uma grande pressão (Kogut, 2013).

Considerando os inúmeros escândalos financeiros ocorridos no início do século XXI, diversas autoridades públicas e entidades governamentais, assim como muitos profissionais de auditoria e investigadores têm focado o seu trabalho ao nível da qualidade das auditorias. O principal objetivo do trabalho desempenhado por estas entidades e profissionais de auditoria é promover a melhor qualidade dos relatórios de auditoria emitidos pelos auditores, mais concretamente no sentido de estes relatórios abrangerem um maior nível de informação para, assim, reduzir as assimetrias de informação entre auditores e utilizadores (Bedard, Gonthier-Besacier & Schatt, 2014; Cordoş & Fulopa, 2015).

Frequentemente, a qualidade de auditoria (QA) está relacionada com possíveis falhas na auditoria que influenciam negativamente a qualidade das demonstrações financeiras (DF's). Neste sentido, as auditorias, quando realizadas com qualidade, podem ajudar as empresas a evitar custos adicionais com novas revisões das suas DF's (Treadway, 1984; Humprey et al., 1993; Beasley et al., 2008 citados por Baah & Fogarty, 2018).

A QA conforme referem Liu et al. (2017) é fundamental para os mercados de capitais funcionarem adequada e eficientemente. A QA consiste, essencialmente, na capacidade dos auditores em detetar erros ou distorções materialmente

relevantes nas DF's (DeAngelo, 1981; Francis, 2004) e da sua capacidade em divulgar estas distorções. Assim, a QA depende não só das competências dos auditores, mas também do seu nível de independência (DeAngelo, 1981; Leftwich, Watts & Zimmerman, 1981; DeFond & Zhang, 2014).

Deste modo, é nesta ótica de melhoria da QA, que se centra a presente dissertação, que tem como objetivo rever a literatura existente em torno da QA, dando especial enfoque ao período definido desde 2014, de forma a identificar as conclusões chegadas relativas aos determinantes/fatores explicativos da QA, como o caso dos honorários do auditor, a dimensão do auditor, a especialização na indústria, a duração do mandato do auditor e a rotação. Estes determinantes tem sido dos mais estudados nos últimos anos e presentes em revisões de literatura recentes (Habib, 2013; DeFond & Zhang, 2014; Salehi, Mahmodi & Gah, 2019).

Outro objetivo fundamental para esta dissertação é apresentar sugestões para futuras investigações na área da QA, em concreto sobre os seus principais determinantes.

A presente dissertação inicia como uma breve abordagem teórica aos conceitos de auditoria e de QA, presentes no capítulo 2.

O capítulo 3 diz respeito à apresentação dos principais determinantes da QA (honorários de auditoria, dimensão do auditor, especialização do auditor, duração da relação auditor-cliente e rotação de auditores), sistematizando as principais conclusões chegadas nos últimos 6 anos (2014-2019).

No capítulo 4 apresenta-se sugestões para futuras investigações, bem como as limitações identificadas.

Por último, na conclusão, capítulo 5, expõe-se as principais considerações retiradas da análise da literatura efetuada.

Capítulo 2

Auditoria e Qualidade de Auditoria: Definições e principais características

2.1. Conceito de Auditoria

Atualmente, auditoria é um tema central e várias são as opiniões presentes na literatura acadêmica sobre o que é auditoria na sua essência.

No presente capítulo pretende-se apresentar várias definições de auditoria, tendo em conta perspectivas de vários autores.

O papel do auditor na sociedade é assegurar às partes interessadas que as DF's estão corretas e apresentam fielmente os indicadores de desempenho da empresa. Assim, para um adequado desempenho deste papel da auditoria é essencial que os auditores sejam independentes da empresa auditada, na medida em que esta é uma condição necessária para a realização de auditorias de qualidade (Dart, 2011).

Lin & Hwang (2010) sustentam a ideia que os auditores externos são obrigados pelas normas de auditoria a comunicar e discutir com a comissão de auditoria a qualidade, e não apenas a aceitabilidade, dos GAAP (princípios contabilísticos geralmente aceites) aplicados pelas empresas. Portanto, espera-se, segundo estes autores, que a QA restrinja a manipulação dos resultados e reduza o risco de informações de que as DF's apresentem distorções e/ou omissões materialmente relevantes.

Knechel et al. (2013) defendem outra perspectiva, segundo a qual a auditoria é um serviço profissional prestado por especialistas para dar resposta à procura económica e regulatória, motivada economicamente pelo risco.

Para Habib (2013), os auditores são considerados *watch-dogs*, na medida em que um auditor externo pode construir uma reputação relativa a uma empresa fornecendo apenas uma verificação independente das DF's preparadas pela administração.

DeFond & Zhang (2014) argumentam, numa perspetiva mais abrangente, que os auditores têm a responsabilidade de verificar se as DF's seguem os GAAP e, adicionalmente, se essas declarações nas DF's refletem a situação económico-financeira atual e o desempenho da entidade. Por outro lado, sustentam que a própria auditoria providencia igualmente uma melhor alocação dos recursos das empresas. Assim, a verificação do auditor externo adiciona credibilidade às DF's das empresas.

Essa responsabilidade decorre do facto de as normas de auditoria exigirem que os auditores têm de considerar a qualidade e não apenas a aceitabilidade das políticas contabilísticas adotadas nas DF's. Da mesma forma, estas normas de auditoria obrigam os auditores a avaliar os aspetos qualitativos das práticas contabilísticas das empresas, incluindo possíveis enviesamentos nos julgamentos profissionais da administração. Esta preocupação é confirmada pelo organismo de supervisão dos auditores dos EUA, o *Public Company Accounting Oversight Board* (PCAOB) (DeFond & Zhang, 2014).

Assim, devido à importância da auditoria e das várias opiniões emitidas pelos auditores, Habib (2013) refere que a formulação da opinião de auditoria é um procedimento detalhado e complexo, salientando que os auditores decidem sobre os vários tipos de relatórios de auditoria de modo a emitir a sua opinião sobre as DF's. A forma mais comum de opinião de auditoria é a opinião de auditoria sem reservas, embora seja possível existir opiniões modificadas como opinião com reservas, opinião adversa ou escusa de opinião.

Em Portugal, a opinião de auditoria é divulgada através da Certificação Legal das Contas (CLC), que não é mais do que a opinião dos auditores sobre as DF's das empresas com base nos GAAP utilizados pela empresa, uma vez que as

mesmas têm de ter uma apresentação fidedigna o que requer uma representação fiel da situação económica subjacente das empresas tal como estabelecido pelo estatuto da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas (OROC).

A justificação da crescente preocupação da sociedade em geral pela profissão de auditoria deve-se, essencialmente, à complexidade dos padrões contabilísticos e ao aumento das transações comerciais (DeFond & Zhang, 2014). Também os sucessivos escândalos financeiros, verificados no início do século XXI, como a falência da Enron em 2001 e o conseqüente colapso do auditor Arthur Andersen em 2002, bem como outros casos como a WorldCom, a Parmalat e a Satyam, contribuem para esta preocupação (Francis, 2004; Knechel et al., 2013).

Os escândalos financeiros levaram a um debate mundial sobre o papel e o funcionamento da profissão de auditoria pelas diferentes partes interessadas.

De notar que tais escândalos potenciaram uma alteração na legislação da EU. A legislação é composta pela Diretiva da Auditoria 2014/56/UE do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia, de 16 de abril de 2014, que altera a Diretiva 2006/43/CE relativa à revisão legal das contas anuais e consolidadas, e pelo regulamento (UE) nº 537/2014 do Parlamento Europeu e do Conselho da EU, de 16 de abril de 2014, relativo aos requisitos específicos para a revisão legal de contas das entidades de interesse público e que revoga a Decisão 2005/909/CE da Comissão. Esta recente legislação é aplicada nos 28 Estados-Membros da UE e também na Islândia, Liechtenstein e Noruega.

Neste contexto, o Parlamento Europeu aprovou uma nova legislação de auditoria que entrou em vigor à data de 17 de junho de 2016, exigindo a rotação das firmas de auditoria que auditam contas de Entidades de Interesse Público da União Europeia (UE), em que o período inicial de trabalho de um revisor oficial de contas ou de uma sociedade de auditoria não deve ser inferior a um ano e não deve exceder 10 anos (Deloitte, 2015).

Ainda, com o objetivo de melhorar a QA, foram tomadas medidas adicionais, como mais restrições sobre os serviços que não são de auditoria, mais

responsabilidades para a comissão de auditoria e ampliação dos requisitos dos relatórios para os auditores (Deloitte, 2015).

Adicionalmente, a legislação comunitária impôs a criação de uma entidade pública de supervisão, em Portugal designada, à data, por Conselho Nacional de Supervisão de Auditoria (CNSA) (CMVM, s.d).

Para além da função de fiscalização global da atividade de auditoria, este organismo assumiu a responsabilidade de dar parecer sobre as normas do sistema de controlo de qualidade e deontológicas dos auditores nacionais.

O CNSA era composto por um membro do Conselho de Administração do Banco de Portugal, um membro do Conselho de Administração da Comissão do Mercado dos Valores Mobiliários (CMVM), um membro do Instituto de Seguros de Portugal, um membro da Ordem dos Revisores Oficiais de Contas (OROC) e um sub-director da Inspeção-Geral das Finanças, criado a 20 de novembro de 2008 através do Decreto-Lei nº 225/2008 (CMVM, s.d).

Mais tarde, em 2016, a supervisão dos auditores passou a ser da responsabilidade da CMVM com o objetivo de proteger os investidores e supervisiona e regula os mercados de instrumentos financeiros, assim como os agentes que neles atuam.

Os escândalos financeiros referidos levaram à criação da Lei *Sarbanes-Oxley* de 30 de julho de 2002 nos EUA, na qual a auto-regulação da profissão de auditoria pelo *American Institute of Certified Public Accountants* (AICPA) foi substituída pela regulamentação direta da agência independente, PCAOB (Francis, 2004). Ao contrário da UE, os EUA, mais concretamente o PCAOB, abandonou a ideia de rotação obrigatória do auditor em 2014 por considerar que os custos eram superiores aos benefícios para a QA (Corbella et al., 2015).

A crescente preocupação dos investigadores em definir o papel dos auditores, e os determinantes da QA, continua presente na atualidade. Segue-se, assim, uma apresentação das diversas opiniões sobre o significado de QA.

2.2. Qualidade de Auditoria

Após a apresentação de algumas das definições e características da auditoria presentes na literatura acadêmica é, também, importante estudar a QA e como a mesma pode ser medida, uma vez que, segundo Christensen et al. (2016) o grau de confiança que os utilizadores podem ter nas DF's vai depender da QA realizada.

Assim, de seguida, são referidas algumas das opiniões sobre o que significa QA presentes na literatura acadêmica.

2.2.1. Definições da Qualidade de Auditoria

A QA é um tema complexo, não havendo qualquer definição ou análise que tenha alcançado reconhecimento universal (IAASB, 2013).

Na opinião de um dos autores de referência no estudo da QA (DeAngelo, 1981), a qualidade dos serviços de auditoria é definida como a probabilidade conjunta avaliada pelo mercado de que um determinado auditor irá descobrir uma violação no sistema contabilístico da empresa auditada e, posteriormente, notificar a violação. De acordo com esta definição, a QA é uma função da perceção da competência e independência do auditor.

Knechel et al. (2013) sustentam que a perceção da QA depende da perspetiva em que cada um se encontra, isto é, se a pessoa a definir este conceito é utilizador das DF's, auditor, regulador ou sociedade. Todas estas pessoas, envolvidas no processo de elaboração das DF's podem ter visões diferentes, mas não necessariamente erradas, sobre o significado da QA e sobre os indicadores a usar para medir a mesma.

DeFond & Zhang (2014), por sua vez, reforçam que QA consiste em garantir que as DF's cumprem os GAAP e fornecem uma garantia da transparência da

situação económico-financeira atual das empresas, condicionadas pelas suas características inatas e pelo processo inerente à elaboração das DF's.

Já Gaynor et al. (2016), consideram que a auditoria de elevada qualidade é aquela que fornece um maior nível de garantia de que os auditores obtêm evidência apropriada e suficiente de que as DF's representam de forma verdadeira e apropriada a posição financeira e o desempenho económico da empresa. O mesmo autor argumenta adicionalmente que a qualidade das DF's e a QA são construtos relacionados, mas distintos.

Mais recentemente, Brivot, Roussy & Mayer (2018) referem que o objetivo final de uma auditoria é que qualquer auditor seja capaz de chegar à mesma conclusão que um colega, com base na mesma evidência no mesmo contexto. Com base no seu raciocínio, caso esta situação se verifique então pode-se concluir que o serviço prestado apresenta qualidade.

Capítulo 3

Determinantes da Qualidade de Auditoria

Dada a inexistência de consenso em torno da definição da QA, diversos autores propuseram-se a mensurá-la recorrendo a diversos determinantes que poderão explicar as variações na QA prestada (Ettredge, Fuerherm & Li, 2014; Kraub, Pronobis & Zülch, 2014; Ball, Tyler & Wells, 2015; Corbella et al., 2015; González-Díaz, Garcia Fernandez & Lopez-Díaz, 2015; Cameran, Prencipe & Trombetta, 2016; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017; Gunn & Michas, 2018; MohammadRezaei, Mohd-Saleh & Ahmed, 2018; Mohammed, Joshua & Ahmed, 2018; Bratten, Causholl & Omer, 2019).

Adicionalmente, verifica-se que não existe consenso sobre quais os melhores fatores para medir a QA e o modo como devem ser usados (DeFond & Zhang, 2014). Com efeito, deve considerar-se a QA como um construto multifacetado que não pode ser representado por uma única variável (Christensen et al., 2016).

Assim, no que respeita aos principais fatores influenciadores da QA, a presente revisão de literatura foca nos mais comuns que são os honorários de auditoria, as características do auditor (dimensão do auditor e especialização do auditor na indústria), a manutenção do auditor e a sua rotação.

A QA é geralmente avaliada em função do recurso a diversas *proxies* tais como distorções relevantes, relatórios de auditoria, qualidade das DF's e a perceção dos investidores (DeFond & Zhang, 2014).

A figura 1 apresenta mais detalhadamente os determinantes que vão ser alvo de análise na presente investigação.

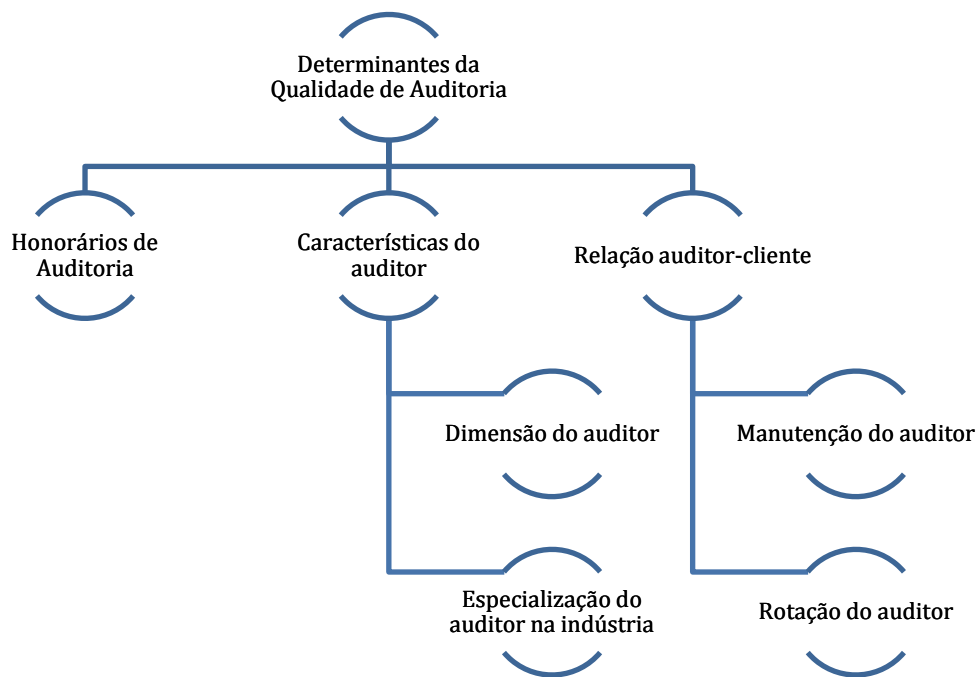


Figura 1: Determinantes da Qualidade de Auditoria.

De notar que na presente revisão o conceito de *proxy* refere-se especificamente aos vários tipos de medidas ou indicadores utilizados para avaliar a QA, que será analisada como uma variável dependente. Quanto aos determinantes, estes dizem respeito a todas as variáveis ou fatores estudados (honorários do auditor, dimensão do auditor, especialização na indústria, duração da relação auditor-cliente e rotação do auditor) para explicar as possíveis variações na QA. Os determinantes são assim considerados como variáveis independentes.

3.1 Honorários de Auditoria

O auditor externo tem direito a uma determinada remuneração por parte cliente/empresa auditada, pelo seu esforço na auditoria prestada. Essa remuneração é designada por honorários de auditoria (Mohammed et al., 2018). Este montante pago pelos clientes é definido pelas empresas de auditoria conforme o que considerarem adequado pelo seu esforço e trabalho envolvido

conforme o Oladipupo & Monye-Emina (2016). Jusoh, Ahamad & Omar (2013) afirmam que a reputação da maioria das empresas de auditoria e a qualidade dos seus serviços de auditoria estão frequentemente relacionadas com o valor pago aos auditores.

A literatura académica evidencia que um dos fatores que pode influenciar a QA são os honorários cobrados pelos auditores (Chaney, Jeter & Shivakumar, 2004; Choi, Kim & Zang, 2006; Abbott, Parker & Gary, 2006; Xie, Cai & Ye, 2010; Choi, Kim & Zhang, 2010a; Karsemeijer, 2012; Lobo & Zhao, 2013; Bortolon, Neto & Santos, 2013; Okolie, 2014; Hossain, Yazawa & Monroe, 2017).

Os honorários de auditoria podem ser normais ou atípicos (montante pago acima ou baixo considerando o esforço do auditor) e, conseqüentemente, os honorários de auditoria atípicos podem ser positivos ou negativos. Alguns estudos argumentam que sempre que o auditor recebe honorários anormalmente altos ou baixos do seu cliente, a QA pode estar comprometida, dada uma possível perda de independência dos auditores (Choi et al., 2006; Lin & Hwang, 2010; Xie, Cai & Ye, 2010; Choi et al., 2010a; Karsemeijer, 2012; Okolie, 2014; Al-Khoury et al., 2015).

Por outro lado, Ettredge, Scholz & Li (2007) sugerem que a satisfação financeira pelo auditor pode aumentar o seu profissionalismo assim como o seu esforço exercido, melhorando a QA. Assim, reforçando a opinião deste autor, nem sempre se verifica uma reduzida QA associada a anomalias nos honorários dos auditores, notando-se que a mesma também pode ser mais elevada consoante um maior nível de honorários recebidos (Abbot et al., 2006; Bortolon et al., 2013; Okolie, 2014; Hossain et al., 2015).

De seguida apresenta-se uma breve reflexão presente na tabela 1 sobre os estudos realizados nos últimos 6 anos focados na relação honorários de auditoria e QA, de modo a verificar a evolução das conclusões dos autores ao longo dos anos através do recurso a diferentes *proxies*.

Após a revisão de estudos presentes na literatura constata-se que, atualmente, ainda existe uma grande incerteza quanto à relação existente entre a QA e os honorários, na medida em que há um número muito semelhante de investigações que apontam quer para a existência de uma relação significativa, como para uma relação não significativa.

De facto, em alguns estudos verifica-se que as anomalias nos honorários contribuem para variações na QA (Ettredge et al., 2014; Kraub et al., 2014; Rahmina & Agoes, 2014; Khan & Haq, 2015; Pham et al., 2017; Nkemjika, Sunday & Nwanaka, 2017; Mohammed et al., 2018).

Mais especificamente observa-se que honorários mais baixos do que o que seria expectável (honorários a receber pelo auditor de acordo com o seu esforço) suportam uma menor QA (Ettredge et al., 2014). Por outro lado, a relação dos honorários mais altos com a QA já se apresenta um pouco ambígua, na medida em que uns estudos apontam para que os honorários atípicos positivos estão relacionados com pior QA (Kraub et al., 2014; Jung, Kim & Chung, 2016a¹; Pham et al., 2017; Soedaryono, 2017²; Mohammed et al., 2018) e outros defendem que os honorários atípicos positivos estão relacionados com melhor QA (Rahmina & Agoes, 2014; Khan & Haq, 2015; Nkemjika et al., 2017).

Por outro lado, outras investigações revelam que não existe relação significativa entre os honorários do auditor e a QA (Ettredge et al., 2014³; Kraub et al., 2014⁴; Jung, Kim & Chung, 2016⁵; Ubaka, 2017; Soedaryono, 2017⁶; Dabor & Benjamine, 2017).

1 A existência de relação positiva e significativa entre as anomalias nos honorários e a QA só se verifica no período pós-IFRS e no caso de as anomalias serem positivas.

2 O resultado é apenas significativo após a adoção das IFRS.

3 A relação não é significativa quando se considera a dimensão das empresas clientes e também da empresa de auditoria.

4 A existência de uma relação não significativa verifica-se apenas quando são utilizados os *accruals* discricionários como *proxy* para medir a QA e quando as anomalias são negativas.

5 Neste caso a ausência de relação significativa diz respeito apenas ao período pré-IFRS.

6 Existência de relação não significativa sem análise da pré e pós adoção das IFRS.

De um modo mais específico argumenta-se que honorários mais baixos não contribuem para uma menor QA no caso do auditor pertencer a uma empresa *Big 4* (Ettredge et al., 2014). Adicionalmente, sustenta-se igualmente que no caso de os auditores apresentarem honorários mais baixos do que o que seria expectável não apresentam necessariamente inferior QA (Kraub et al., 2014; Jung et al., 2016). Por último, defende-se que honorários mais elevados não estão relacionados com melhor QA (MohammadRezaei et al., 2018).

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Ettredge et al. (2014) (EUA)	Qual é a relação existente entre a pressão sobre os honorários de auditoria e a QA?	3.039 empresas públicas presentes nos registos do <i>Audit Analytics</i> e <i>Compustat</i> de 2006-2009.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> Distorções nas DF's.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Pressão sobre os honorários de auditoria.</p> <p><u>Variáveis de Controlo/Moderadoras:</u> Pertença ao <i>Big 4</i>, dimensão da empresa de auditoria, dimensão da empresa cliente.</p>	<p>A pressão da redução dos honorários contribui, de modo significativo, para o aumento da probabilidade de ocorrência de erros ou distorções nas DF's.</p> <p>A pressão negativa sobre os honorários não contribui de modo significativo para o aumento da probabilidade de ocorrência de erros ou distorções considerando o facto de o auditor pertencer ao <i>Big 4</i>.</p> <p>A pressão dos honorários não está associada de modo significativo à probabilidade de se verificarem erros ou distorções considerando a dimensão da empresa cliente ou da empresa de auditoria.</p> <p>O aumento da pressão para uma redução dos honorários dos auditores contribui de modo significativo para a ocorrência de distorções materialmente relevantes e não apenas a pequenos erros nas DF's.</p>	<p>Não foram analisados registos relativos a instituições financeiras.</p> <p>O modelo econométrico utilizado é suscetível a erros de medida, logo deveriam ter sido usadas mais variáveis de controlo para medir outras potenciais relações e, assim, melhorar a qualidade do modelo.</p> <p>Dados associados a variáveis económicas podem conter erros de medida.</p>
Kraub et al. (2014) (Alemanha)	Qual a relação entre a existência de honorários atípicos cobrados pelos auditores e a QA?	2.334 observações de 547 empresas na Alemanha retirados de bases de dados de registos financeiros como <i>HV-Info</i> e <i>unternehmenregister</i> no período 2005-2010.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, reformulações nas DF's, emissão de um relatório de auditoria modificado pela 1ª vez (<i>First_GCO</i>), empresa atinge ou ultrapassa expectativas de resultados (<i>MBEX</i>).</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Honorários de auditoria atípicos (positivos e negativos).</p>	<p>Não existe associação significativa entre o facto de os auditores receberem menos honorários (anomalia negativa) e a QA, medida pelos <i>accruals</i> discricionários.</p> <p>Esta situação significa que os auditores que têm honorários abaixo do normal não apresentam obrigatoriamente fraco desempenho no processo de auditoria e, como tal, reduzida qualidade nos serviços prestados.</p> <p>O facto do auditor ser remunerado acima do normal (anomalias positivas) contribui para a probabilidade de maiores <i>accruals</i> discricionários, o que significa menor QA.</p> <p>A situação dos auditores apresentarem honorários atípicos está associado a uma menor probabilidade de ocorrência de reformulações e de as empresas atingirem ou ultrapassarem as estimativas de ganhos definidas por analistas financeiros. Tal situação sugere menor QA.</p> <p>A ocorrência pela 1ª vez da emissão de um relatório de auditoria modificado não está associada a honorários atípicos.</p>	<p>Amostra definida apenas para empresas públicas de capital aberto.</p> <p>Resultados não devem ser generalizados ao contexto Europeu, uma vez que a Alemanha apresenta um contexto e sistema financeiro específico.</p> <p>Utilização de <i>accruals</i> discricionários, apesar de ser das <i>proxies</i> mais utilizadas nas investigações na literatura para avaliar a QA, está associada a pior qualidade de ajustamento dos modelos explicativos da QA.</p> <p>Dados recolhidos num período marcado por fortes alterações ao nível económico (introdução das IFRS, introdução de medidas para divulgação de honorários e crise económica e financeira) podem levar a variações na divulgação dos honorários, que podem influenciar a relação com a QA.</p>

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Rahmina & Agoes (2014) (Indonésia)	A independência do auditor, a manutenção da relação auditor-cliente e honorários de auditoria influenciam a QA?	143 observações através de questionários a auditores, seniores, supervisores, gerentes e sócios de empresas cotadas no <i>Capital Market Accountant Forum</i> na Indonésia.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Qualidade de Auditoria. <u>Variáveis Independentes:</u> Independência do auditor, manutenção da relação auditor-cliente, honorários de auditoria.	Associação significativa e positiva entre a QA e a independência do auditor. Associação não significativa entre a manutenção do auditor e a QA. O aumento dos honorários do auditor contribui para uma melhor QA.	Qualidade do modelo poderia ser superior se fossem controladas outras variáveis relacionadas com a QA como a especialização na indústria, a dimensão da empresa de auditoria e os riscos de litigação. A duração do período de rotação (3 anos para os <i>partners</i> e 6 anos para empresas de auditoria) usado na presente investigação é baseado numa regulamentação desatualizada (Minister of Finance Decree No.17/PMK.01/2008) tendo sido revista pelo <i>IFAC Code of Ethics for Professional Accountant</i> .
Khan & Haq (2015) (Paquistão)	Existe associação entre a QA e o pagamento de honorários excessivos aos auditores?	150 empresas do Paquistão do setor automóvel, produtos químicos, construção e cimento, produtores de alimentos, indústria em geral, setor do petróleo e indústria têxtil. Os dados obtidos são relativos aos anos 2007-2011.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Honorários de auditoria excessivos.	Nos anos de 2008 e 2009 nota-se que o pagamento de honorários excessivos aos auditores contribui de modo significativo para uma melhor QA (considerando os valores negativos dos <i>accruals</i> discricionários). Nos restantes anos (2007, 2010 e 2011) não foi possível verificar que o pagamento excessivo de honorários aos auditores contribua para variações na QA.	Amostra limitada e não representativa o que não permite generalizar resultados de modo significativo. <i>Proxy</i> utilizada para a QA (<i>accruals</i> discricionários) não é a melhor para analisar a QA.
Junge et al. (2016) (Coreia)	Existe alteração na relação entre os honorários de auditoria atípicos e a QA, após a adoção das IFRS na Coreia?	10.856 observações no mercado de auditoria da Coreia no período pré-IFRS (2007-2010) e pós-IFRS (2011-2013) para empresas cotadas na Coreia. Informação retirada da base de dados <i>Korea Listed Companies Associations' Total Solution e KIS-VALUE</i> , relatórios de auditoria das empresas selecionadas.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Honorários de auditoria atípicos (positivos e negativos).	Não existe relação significativa entre os honorários de auditoria anormalmente altos e a QA, conforme medido pelo valor dos <i>accruals</i> discricionários no período de adoção pré-IFRS, mas a relação entre honorários de auditoria anormalmente elevados e o valor dos <i>accruals</i> discricionários aumenta no período de adoção pós-IFRS, evidenciando pior QA. De notar que com a adoção das IFRS não existe nenhuma associação significativa encontrada entre os honorários de auditoria atípicos negativos e a QA. Esses resultados sugerem que a adoção dos IFRS permite que alguns clientes exerçam maior discricção na escolha de <i>accruals</i> discricionários e alguns auditores cobram honorários mais altos de modo a permitir esta situação.	O mercado de auditoria específico da Coreia com a intensificação da concorrência e os descontos nos honorários de auditoria revelam um cenário único de análise impedindo a generalização de resultados para outros países. As informações retiradas da base de dados <i>Korea Listed Companies Associations' Total Solution e KIS-VALUE</i> não apresentam todos os dados necessários e algumas informações são inválidas.
Pham et al. (2017) (Vietname)	Será que a QA varia em função das características da empresa de auditoria (dimensão, honorários e reputação)?	192 empresas cotadas nas bolsas de valores do Vietname (<i>Ho Chi Minh Stock Exchange</i>). Os dados são relativos ao período 2006-2014.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Reputação da empresa de auditoria, honorários de auditoria e dimensão da empresa de auditoria.	A maior dimensão da empresa de auditoria, assim com os honorários elevados dos auditores estão associados, de modo significativo, a uma menor QA (maiores valores dos <i>accruals</i> discricionários). Por outro lado, uma maior reputação da empresa de auditoria está associada de modo significativo a uma maior QA (menores valores dos <i>accruals</i> discricionários).	A inclusão de outros determinantes da QA como a competência geral do auditor, especialização do setor de auditoria, duração da relação auditor-cliente, rotação do auditor, o esforço do auditor, processos de auditoria seria pertinente para uma melhor obtenção de resultados. Existem outras medidas financeiras para além dos <i>accruals</i> discricionários (<i>operating profit, non-operating profit</i> , apresentação e classificação dos ativos e passivos, comunicação de informação financeira e de certas notas adicionais relevantes) que podem ser usadas na medição da QA, de modo a confirmar os resultados obtidos nesta investigação.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Ubaka (2017) (Nigéria)	Existe relação dos honorários de auditoria e a duração da relação auditor-cliente com QA nas empresas da Nigéria?	60 observações, relativas aos anos de 2011-2016 de 11 empresas do setor de bens de consumo cotadas na bolsa de valores da Nigéria.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Pertença ao <i>Big 4</i> . <u>Variáveis Independentes:</u> Honorários dos auditores, duração da relação auditor-cliente.	Os honorários do auditor não contribuem para uma variação significativa da QA. A duração da relação auditor-cliente está associada a uma melhoria da QA.	<i>Proxy</i> da QA usada é uma medida que tanto pode ser considerada como não significativa na associação com a QA como significativa, atendendo à literatura académica. Desta forma, o seu uso sem o complemento de outras variáveis mais precisas na medição da QA considera-se uma limitação neste estudo. Dados limitados a 60 registos de cada variável analisada na presente investigação, de 11 empresas, obtidos num período de tempo já considerado longo (6 anos), o que não nos permite obter resultados conclusivos sobre o real efeito dos honorários e da relação auditor-cliente na QA. A ausência de um país desenvolvido na amostra é relevante quer para comparar com os resultados obtidos no presente estudo focado num país em desenvolvimento, quer para uma possível generalização dos resultados para outros países semelhantes.
Soedaryono (2017) (Indonésia)	A relação entre os honorários dos auditores e a QA variam antes e depois da adoção dos IFRS na Indonésia?	286 observações de empresas nos setores de automóveis e transportes cotadas na bolsa de valores da Indonésia, relativos aos anos de 2011-2015.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Honorários atípicos de auditoria (positivos e negativos).	No geral (sem análise do pré e pós-adoção de IFRS) não se verifica influência significativa da existência de anomalias nos honorários do auditor com o valor dos <i>accruals</i> discricionários. Esta situação evidencia que a QA não varia em função de alterações atípicas nos honorários. Analisando os resultados obtidos no período pós-adoção das IFRS, é possível verificar que as anomalias positivas nos honorários dos auditores só influenciam a QA, diminuindo-a (maior valor dos <i>accruals</i>).	Dados obtidos limitados apenas a um país o que limita a generalização dos resultados para outros países do mesmo continente.
Nkemjika et al. (2017) (Nigéria)	A QA é influenciada pela existência de "anomalias" nos honorários de auditoria, pela independência dos auditores e pela duração da sua relação com as empresas clientes?	14 bancos (50% dos bancos cotados na bolsa de valores da Nigéria). Os dados obtidos são relativos ao ano de 2014.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Abnormal loan loss</i> . <u>Variáveis Independentes:</u> Anomalias nos honorários de auditoria, independência do auditor, duração da relação auditor-cliente.	A associação verificada entre a QA e a existência de anomalias nos honorários é positiva e significativa. A independência do auditor contribui para uma melhor QA. A duração da relação entre o auditor-cliente não parece influenciar de modo significativo a QA.	A amostra é insuficiente para uma melhor robustez dos resultados obtidos. Adicionalmente, o facto de os dados retirados serem referentes apenas ao ano de 2014 constitui uma limitação para uma melhor compreensão do efeito dos honorários e dos aspetos como a duração da relação do auditor com o cliente na QA. Amostra restrita a apenas bancos nigerianos, o que não possibilita generalizar os resultados obtidos para todo o setor bancário no continente Africano. A ausência de um país desenvolvido na amostra para comparar os resultados obtidos com o país em desenvolvimento em análise (Nigéria) torna-se pertinente.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Dabor & Benjamine (2017) (Nigéria)	Os efeitos moderadores das características do cliente apresentam algum tipo de associação com a relação entre a QA e os honorários de auditoria atípicos?	Amostra de 168 empresas cotadas não financeiras na Nigéria. Dados retirados das DF's das empresas auditadas no período 2001-2015.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Honorários de auditoria atípicos. <u>Variáveis Moderadoras:</u> Complexidade do cliente, risco do cliente e rentabilidade do cliente.	Associação não significativa negativa entre os honorários de auditoria atípicos e a QA. A complexidade do cliente e a rentabilidade do mesmo contribuem para que a QA associada a anomalias nos honorários diminua ainda mais. O risco do cliente não apresenta uma influência moderadora significativa na relação entre os honorários de auditoria atípicos e a QA.	Uma limitação presente no estudo é o uso de apenas <i>accruals</i> discricionários como medida para a QA. A amostra usada no estudo contempla apenas empresas não financeiras cotadas o que não permite generalizar os resultados deste estudo para empresas financeiras.
Prazeres & Pais (2017) (Portugal)	O aumento dos honorários do auditor, assim como a maior dimensão da empresa de auditoria estão relacionados com uma menor QA expressa pela emissão de um relatório de auditoria modificado?	160 observações de empresas cotadas portuguesas no <i>Euronext Lisbon</i> entre 2010 e 2014. Dados retirados de DF's e da base de dados <i>Amadeus da Bureau Van Dijk</i> .	<u>Variável Dependente:</u> Emissão de relatório de auditoria modificado. <u>Variável Independente:</u> Dimensão da empresa (Pertença ou não ao <i>Big 4</i>), honorários do auditor.	Existe uma associação positiva entre a emissão do relatório de auditoria modificado e o facto da empresa auditada ser de maior dimensão (pertença a <i>Big 4</i>), o que significa que as empresas <i>Big 4</i> apresentam uma maior QA. Os honorários do auditor estão relacionados negativamente com a emissão do relatório de auditoria modificado, o que revela que auditores com maiores honorários apresentam menor QA.	Entende-se necessário o uso de mais <i>proxies</i> que permitam avaliar a influência das características das empresas de auditoria (dimensão do auditor e honorários de auditoria) e a sua influência na QA prestada, de modo a tornar a pesquisa mais robusta e com mais evidências de relações existentes. Torna-se relevante a existência de outros estudos de investigação que foquem outros fatores que determinam a QA como a rotação obrigatória das sociedades de auditoria ou dos revisores oficiais de contas e a especialização dos mesmos.
MohammadRezaei et al. (2018) (Irão)	Será que as empresas de auditoria com melhor reputação apresentam melhores honorários e, consequentemente, melhores resultados de QA?	918 registos de empresas iranianas alusivos a processos de reformulação, opiniões de auditores, tipos de auditores, e honorários existentes no <i>Tehran Stock Exchange (TSE)</i> de 2006-2015.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Honorários dos auditores, falhas de auditoria, relatórios de auditoria, <i>accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Empresa de auditoria com elevada reputação no ranking.	Empresas de auditoria melhor posicionadas no ranking (recebem honorários mais elevados) não oferecem serviços de auditoria de melhor qualidade quando comparadas com as restantes. Existe uma maior probabilidade de falhas de auditoria nas empresas que se encontram com uma boa posição no ranking face às restantes empresas. Pertencer a uma empresa de auditoria que se encontra numa boa posição no ranking implica uma menor probabilidade de emissão de um relatório de auditoria modificado ao seu cliente. Não existe influência significativa do facto do auditor pertencer a uma empresa de primeiro lugar no ranking e os <i>accruals</i> discricionários. Os honorários dos auditores tendem a ser melhores nas empresas que estão em primeiro lugar no ranking do que nas restantes empresas de auditoria.	Limitação dos dados amostrais das empresas relativamente à sua posição no ranking, uma vez que se referem ao período de tempo de 2006-2015, e o ranking de empresas apenas começou em 2013. As empresas internacionais de auditoria (<i>Big N</i>) não operam neste mercado. O estudo é realizado num cenário único, na medida em que o mecanismo de classificação das empresas de auditoria iniciadas pelo governo não existe em mais nenhum país desenvolvido. O mercado de auditoria do Irão é caracterizado pela fraca procura de serviços de auditoria com elevada qualidade, baixo risco de litigância e fracos mecanismos de governação corporativa.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Mohammed et al. (2018) (Nigéria)	Qual é a relação entre os honorários dos auditores e a QA?	72 observações relativas a 9 empresas petrolíferas de 2007-2014 retirados dos relatórios anuais das 10 empresas pertencentes ao setor petrolífero do país.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> Empresa de auditoria pertencente ao <i>Big 4</i>.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Honorários dos auditores.</p> <p><u>Variáveis de Controlo:</u> Idade da empresa de auditoria, estratégias de investimento para potenciar ativos da empresa cliente (<i>Leverage</i>).</p>	<p>Os honorários do auditor estão negativamente relacionados com a QA sem considerar o efeito do <i>leverage</i> da empresa cliente e da idade da empresa de auditoria.</p> <p>Honorários de auditoria mais elevados estão associados a uma menor QA, usando como variáveis de controlo a idade da empresa auditora e o <i>leverage</i>.</p>	<p>Amostra reduzida e limitada a um número escasso de empresas de apenas um setor de atividade.</p> <p>A variável <i>Big 4</i> que é utilizada para medir a QA é limitativa. Necessidade de utilizar outras <i>proxies</i> para maior robustez dos resultados obtidos.</p> <p>Baixo número de variáveis de controlo utilizadas, podendo ser acrescentadas outras relacionadas com o próprio auditor como <i>proxies</i> de independência e especialização do auditor.</p>

Tabela 1. Descrição das investigações sobre a relação entre os honorários de auditoria e a QA.

3.2 Características do Auditor: Dimensão da empresa de auditoria e Especialização do auditor

Com base na literatura acadêmica pode verificar-se que um dos fatores que podem influenciar a QA é a dimensão do auditor (DeAngelo, 1981; Becker et al., 1998; Choi et al., 2007; Francis & Yu, 2009; Adeyemi & Fagbemi, 2010; Choi et al., 2010b; Beisland, Mersland & Strom, 2015; Dobre, 2015) e a especialização na indústria (DeAngelo, 1981; Krishnan, 2003; Balsam, Krishnan & Yang, 2003; Dunn & Mayhew, 2004; Casterella et al., 2004; Carson, 2009; Chin & Chi, 2009; Chen, Sun & Wu, 2010; Chi & Chin, 2011; Choi et al., 2012; Zerni, 2012; Goodwin & Wu, 2014; Chin, Yao & Liu, 2014).

A dimensão do auditor medida pela dicotomia *Big N*⁷ e não *Big N* apresenta uma associação significativa e positiva dos auditores *Big N* com a QA, uma vez que estes têm maiores preocupações com a sua reputação, maiores competências e mais independência do que os auditores que não são da *Big N* (DeAngelo, 1981; Becker et al., 1998; Choi et al., 2010b). Os auditores da *Big N* também são mais competentes, porque investem mais em capital humano e em tecnologia de auditoria (Dopuch & Simunic, 1982 citado por Jiang et al., 2019). Além disso, quanto maior a dimensão do auditor, maior a probabilidade destes auditores desfrutarem de maiores economias de escala quando comparados com auditores de menor dimensão, tornando-os mais eficientes na prestação de serviços de elevada QA (DeFond, Erkens & Zhang, 2016).

Não obstante, a QA é um produto conjunto dos gestores da empresa e da empresa de auditoria o que torna pertinente perceber o efeito do cliente na QA. Neste sentido, existem estudos que examinaram se os auditores da *Big N*

⁷ Atualmente refere-se às quatro maiores empresas de auditoria a nível mundial – Deloitte Touche Tohmatsu, Pricewaterhouse Coopers, KPMG e Ernst & Young.

proporcionam uma QA mais elevada do que os auditores não *Big N*, considerando o efeito da dimensão do cliente (Lawrence, Minutti-Meza & Zhang, 2011; DeFond, Erkens & Zhang, 2016) mas o efeito *Big N* permanece controverso.

Outros estudos que consideram que a dimensão da empresa de auditoria não tem influência na QA são notórios na literatura (Tendeloo & Vanstraelen, 2005; Piot & Janin, 2007).

De notar que também existem evidências de que as empresas de auditoria de menor dimensão (não *Big N*) apresentam uma QA igual ou superior à verificada nas empresas de grande dimensão (Boone, Khurana & Raman, 2010; Lawrence et al., 2011; Geiger, Raghuraman & Riccardi, 2014). Tal facto pode ser explicado pela necessidade de obterem a melhor QA possível, de modo a evitar riscos de litigação, a que geralmente estão mais expostas (Wong, Firth & Lo, 2018).

Relativamente à especialização da indústria, esta melhora a eficácia e eficiência da prestação de serviços de auditoria, na medida em que se refere à acumulação de conhecimento específico de um determinado setor pelos auditores prestarem serviços a clientes pertencentes ao mesmo setor (Solomon, Shields & Whittington, 1999; Stanley & DeZoort, 2007; Gul, Fung & Jaggi, 2009). O investimento na especialização no setor é muito caro, uma vez que exige um investimento significativo em recursos. No entanto, do ponto de vista custo-benefício, este investimento é justificado porque aumenta a qualidade das auditorias (Solomon et al., 1999; Habib, 2011).

Neste sentido, a dimensão do auditor e a sua especialização são duas características que se interligam segundo alguns autores, na medida em que quanto maior a dimensão do auditor, maior será a sua capacidade financeira para um maior investimento em tecnologias de informação utilizadas nos serviços e processos de auditoria, ou seja, maior especialização no setor pelos auditores e, assim, melhor a QA (Sirois, Marmousez & Simunic, 2016).

A direção principal da literatura académica confirma a importância da especialização na indústria pelos auditores para maximizar o desempenho do

mesmo e melhorar a QA prestada (Gul et al., 2009; Moroney & Carey, 2011). Adicionalmente, a ideia de que a especialização do setor de auditoria melhora potencialmente a eficiência da empresa de auditoria por meio de economias de escala devido à concentração de recursos e elevados investimentos em tecnologias de auditoria é um argumento usado na literatura (Hogan & Jeter, 1999). Além disso, esta especialização cria barreiras à entrada de concorrentes (Habib, 2011).

Por outro lado, outros autores evidenciam que as especializações no setor pelos auditores não desempenham um papel significativo na qualidade dos resultados auditados em ambientes de negócio complexos (Butar-Butar & Indarto, 2018).

A distinção entre a especialização da empresa de auditoria e do *partner* de auditoria é outro dos aspetos que tem sido bastante discutido na literatura recente (Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017; Liu et al., 2017). Neste sentido alguns estudos exploram e confirmam a melhor QA associada à especialização das firmas de auditoria (Balsam et al., 2003; Casterella et al., 2004; Carson, 2009), enquanto, outros se focam e confirmam a relação entre a especialização do *partner* de auditoria e a QA (Chin & Chi, 2009; Chen et al., 2010; Zerni, 2012; Chi & Chin, 2011; Goodwin & Wu, 2014; Chin, Yao & Liu, 2014).

Após a análise dos principais autores em QA, analisa-se de seguida estudos realizados nos últimos seis anos centrados quer na dimensão do auditor quer na especialização do mesmo. Pretende-se identificar se estes fatores influenciam a QA e o sentido dessa influência (positiva ou negativa) na medição da QA ao longo dos anos sob o recurso a diversas *proxies*.

Na tabela 2 apresentam-se os estudos revistos entre 2014-2019 referentes à influência da dimensão do auditor na QA. Da sua análise pode observar-se que relativamente à influência da dimensão do auditor na QA, esta apresenta-se significativa de acordo com a maioria dos estudos revistos (Eshelman & Guo, 2014; Comprix & Huang, 2015; DeFond, Erkens & Zhang, 2016; Prazeres & Pais,

2017; Pham et al., 2017; Wong, Firth & Lo; 2018; Lopes, 2018; Jiang, Wang & Wang, 2019).

Porém, o contributo da dimensão do auditor pode variar, sendo positivo ou negativo mediante determinadas condições.

De modo mais específico, a QA das empresas *Big 4* em relação a não *Big 4* é negativa (mais baixa) (Eshelman & Guo, 2014⁸), ou positiva (mais elevada) (Eshelman & Guo, 2014⁹; DeFond et al., 2016; Prazeres & Pais, 2017; Lopes, 2018; Jiang et al., 2019).

Também se verifica em alguns estudos uma pior QA nas empresas de reduzida dimensão (Comprix & Huang, 2015¹⁰; Jiang et al., 2019). Argumenta-se, adicionalmente, que existe uma reduzida QA associada às empresas de grande dimensão (Pham et al., 2017).

Da análise da tabela 2 pode-se ainda concluir que a dimensão do auditor (neste caso ser ou não *Big N*) apresenta um efeito moderador significativo na diferença verificada entre pré e pós-rotação na QA e, ainda, na diferença verificada entre rotação obrigatória e voluntária na QA (Choi, Lim & Mali, 2017) embora este último aspeto referido tenha pouca expressividade, uma vez que apenas foi analisado neste estudo.

Ainda é possível constatar que, em algumas investigações, a QA não está relacionada de modo significativo com a dimensão do auditor (Eshelman & Guo, 2014¹¹; Comprix & Huang, 2015¹²; Abid, Shaique & Haq, 2018; Alsmairat, Yusoff, Ali & Ghazalat, 2019; Jiang et al., 2019¹³).

8 Esta relação negativa verifica-se quando se usam os *accruals* discricionários e o custo do capital como *proxy* da QA.

9 Esta relação positiva verifica-se quando se usa *analyst forecast accuracy* e a emissão de reformulações como *proxy* da QA.

10 Este resultado tem em conta o uso de *accruals* discricionários como *proxy* da QA.

11 Neste caso o resultado não significativo deste estudo refere-se a uma amostra mais específica definida pelo método *Propensity Score Matching (PSM)* utilizada para melhorar a robustez dos modelos.

12 Resultado obtido considera o uso de manipulação dos resultados reais como *proxy* da QA.

13 O resultado aplica-se apenas a empresas de reduzida dimensão.

Como referido, apresenta-se de seguida a tabela 2 que sintetiza os estudos analisados na relação entre a QA e a dimensão da empresa de auditoria nos últimos seis anos.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Eshelman & Guo (2014) (EUA)	A relação entre a dimensão da empresa (<i>Big 4</i> vs não <i>Big 4</i>) e a QA varia em função da propensão para as empresas clientes escolherem uma empresa de auditoria <i>Big 4</i> ?	<p>37.488 registos de empresas clientes (relação <i>Big 4</i> e não <i>Big 4</i>), 31.346 registos (relação <i>Big 4</i> e empresas de auditoria de média dimensão) e 8.772 registos (relação das empresas de média dimensão com as de reduzida dimensão) relativos ao período de 2000-2009, retirados de bases de dados do <i>Compustat Fundamentals Annual File</i> e do <i>Audit Analytics</i>.</p> <p><u>Amostra combinada (<i>matched Sample</i>) obtida pelo método <i>Propensity Score Matching</i>.</u></p> <p>5.950 observações de empresas distribuídas de forma semelhante (<i>Big 4</i>=2.975 e não <i>Big 4</i>=2.975) para a relação <i>Big 4</i> e não <i>Big 4</i>, 3.248 empresas para a relação <i>Big 4</i> e as empresas de média dimensão e 1.406 observações para a relação entre as empresas de média dimensão e de reduzida dimensão.</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, <i>analyst forecast accuracy</i> (precisão da previsão dos resultados das empresas clientes), custo de capital, reformulações nas DF's.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Pertença ao <i>Big 4</i>, empresas de reduzida dimensão, empresas de dimensão intermédia.</p>	<p>Réplica do estudo de Lawrence et al. (2011) em que foram usadas as mesmas 3 <i>proxies</i> da QA, nomeadamente, <i>accruals</i> discricionários, <i>analyst forecast accuracy</i> e custo do capital.</p> <p>Para a primeira e terceira <i>proxy</i> existe uma associação significativa e negativa entre a QA e as <i>Big 4</i>.</p> <p>No que diz respeito à segunda <i>proxy</i> mencionada existe uma associação significativa e positiva entre a QA e as <i>Big 4</i>. Estes resultados evidenciam melhor QA associado às empresas <i>Big 4</i>.</p> <p>De notar que a mesma análise, mas usando o método <i>PSM</i> todas as <i>proxies</i> passam a apresentar uma associação não significativa na QA.</p> <p>Posteriormente, o autor introduz no estudo da QA a <i>proxy</i> reformulações e analisa esta medida de avaliação tendo em conta auditores <i>Big 4</i> com os não <i>Big 4</i>, <i>Big 4</i> com empresas de média dimensão e, por último, empresas de média dimensão com reduzida dimensão.</p> <p>As empresas <i>Big 4</i> são menos propensas a emitir reformulações aos seus clientes face às empresas não <i>Big 4</i>, o que evidencia que apresentam maior QA (esta situação mantém-se após o controlo da escolha do auditor).</p> <p>A mesma conclusão é estendida quando se analisam as diferenças entre as empresas <i>Big 4</i> com as empresas de média dimensão e as empresas de média dimensão com as de reduzida dimensão.</p> <p>Estas conclusões sugerem que quanto maior a dimensão do auditor, melhor a QA, após o controlo da possibilidade de escolha do auditor por parte das empresas clientes.</p>	<p>O presente artigo não estuda o motivo pela qual as empresas de auditoria de grande dimensão apresentam melhor QA face às de média e reduzida dimensão, o que seria bastante pertinente. Este motivo pode ser o resultado de responsabilidades legais, maior competência e de um maior grau de especialização.</p> <p>Este artigo foca apenas o efeito da relação entre o <i>Big 4</i> e a QA, considerando as características da empresa cliente, devendo também controlar efeitos associados a características do próprio auditor, como tipo de risco de litigação, especialização do auditor, assim como e duração da relação com a empresa cliente.</p>

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Comrix & Huang (2015) (EUA)	O recurso a empresas de auditoria de reduzida dimensão está associado a uma maior manipulação dos resultados e a uma manipulação das atividades reais?	2.917 observações relativos a 2001-2009 de empresas de auditoria de reduzida dimensão (100 ou menos clientes) retirados da base de dados do <i>Audit Analytics</i> e também informação financeira retirada da <i>Computstat Annual Industry</i> e do CRSP.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, <i>accruals</i> discricionários ajustados à <i>performance</i> do ano anterior, manipulação dos resultados reais (<i>real earnings manipulation</i>).</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Recurso a empresas de auditoria de reduzida dimensão (com 100 clientes ou menos, 50 clientes ou menos, 30 clientes ou menos).</p> <p><u>Variáveis de Controlo:</u> Valor da empresa no mercado, ROA, rácio entre o valor do mercado e o seu valor real (<i>market to book ratio</i>).</p>	<p>Existe uma relação positiva e significativa entre o facto de a empresa de auditoria ser de reduzida dimensão e o valor dos <i>accruals</i> discricionários.</p> <p>Esta situação evidencia que existe uma maior tendência para maiores <i>accruals</i> discricionários nos clientes auditados por pequenas empresas de auditoria, o que significa uma menor QA. Este resultado mantém-se com o uso de variáveis de controlo.</p> <p>Não existe associação significativa entre a escolha de uma empresa de auditoria de reduzida dimensão e a manipulação dos resultados reais por parte das empresas clientes.</p> <p>Este resultado mantém-se com o uso de variáveis de controlo.</p>	<p>Relação entre o recurso a empresas de auditoria de reduzida dimensão e a manipulação dos resultados pode ser sensível em função de utilização de diferentes medidas de avaliação.</p> <p>Não se sabe se o facto das empresas de auditoria de reduzida dimensão apresentarem menor capacidade de restringir a manipulação dos resultados é impulsionado por questões de independência do auditor ou pela falta de <i>expertise</i> das pequenas firmas de auditoria.</p> <p>Necessidades de estudos adicionais focados nas empresas de auditoria de reduzida dimensão pelo facto de as mudanças da profissão de auditoria apresentarem um grande impacto nestas.</p>
DeFond, Erkens & Zhang (2016) (EUA)	Pode afirmar-se que o efeito <i>Big N</i> deixa de existir após controlar as características dos clientes através do modelo <i>PSM (Propensity Score Matching)</i> ?	<p>Amostra difere em função das <i>proxies</i> usadas para a QA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - DAC e Reformulações (<i>Big N</i>= 18.683, não <i>Big N</i>= 7.022) - <i>Income-increase accruals</i> (<i>Big N</i>=9.692; não <i>Big N</i>=3.632) - Relatórios de auditoria modificados (<i>Big N</i>=4.735; não <i>Big N</i>=2.904). <p>-</p> <p>Amostra retirada das bases de dados do <i>COMPUSTAT</i> e <i>Audit Analytics</i>.</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários absolutos (DAC), reformulações, relatórios de auditoria modificados, <i>income-increase accruals</i> (<i>Accruals</i> discricionários).</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Pertença ao <i>Big N</i>.</p> <p><u>Variáveis de Controlo:</u> ROA, valor de mercado, ativos, <i>current ratio</i> e <i>asset turnover ratio</i>, <i>leverage</i>.</p>	<p>Com o uso do <i>Propensity Score Matching</i> foi possível concluir que a relação entre o efeito <i>Big N</i> e a QA apresenta-se significativa, considerando as novas <i>proxies</i> da QA (<i>accruals</i> discricionários absolutos, reformulações, relatórios de auditoria modificados, <i>income-increase accruals</i>) diferentes do modelo proposto por Lawrence et al. (2011) e controlando o efeito das características do cliente (através das variáveis de controlo).</p> <p>O autor conclui ser ainda bastante prematuro considerar que o efeito <i>Big N</i> deixa de existir depois de controlar as características dos clientes.</p>	<p>O modelo <i>PSM</i> é um modelo sensível às escolhas das medidas de avaliação focadas na QA.</p> <p>Adicionalmente, este método não permite obter amostras de forma aleatória.</p> <p>Neste sentido torna-se pertinente o uso de outro modelo mais conveniente no estudo do efeito <i>Big N</i>, considerando as características dos clientes.</p>
Choi et al. (2017) (Coreia do Sul)	<p>Existem diferenças significativas na QA entre as empresas de auditoria que estão sujeitas a um processo de rotação obrigatória e as que não estão sob esse efeito?</p> <p>Será que essa diferença se verifica quando as empresas clientes mudam de empresa de auditoria entre <i>Big 4</i> e não <i>Big 4</i>?</p> <p>A diferença verificada antes e após rotação variam em função da duração da relação entre auditor e cliente?</p>	<p>334 empresas públicas cotadas na bolsa de valores da Coreia.</p> <p>Das empresas analisadas a maioria transitou de uma empresa <i>Big 4</i> para outra <i>Big 4</i> (n=145, 43.41%), só foi sujeita a dois processos de rotação (n=121, 36.23%) e apresenta um período mínimo de duração de relação com a empresa de auditoria (6 anos) (n=88, 26.35%).</p> <p>Os dados obtidos são relativos aos anos de 2006-2009 e foram retirados do <i>KIS-VALUE</i> e <i>Data-Guide database systems</i>.</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários anormais estimados pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 1995), <i>Accruals</i> discricionários anormais estimados pelo modelo de Kothaur et al. (2005), Valor absoluto dos <i>accruals</i> obtidos pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 1995), Valor absoluto dos <i>accruals</i> obtidos pelo modelo de Kothaur et al. (2005).</p> <p><u>Variáveis Independentes</u> ROT 1 (FROT vs PROT) (Diferença entre período pós-rotação e pré-rotação, quando a rotação é obrigatória) ROT 2 (FROT vs VROT) (Diferença entre rotação obrigatória e a rotação voluntária).</p>	<p><u>Resultados respeitantes ao período pré-rotação e pós-rotação na QA:</u> A QA das empresas com processo de rotação obrigatória é inferior no período após a rotação face aos períodos anteriores (pré-rotação), medido pelo valor dos <i>accruals</i> discricionários.</p> <p>Esta relação tende a melhorar no caso da empresa auditora ter mudado de não <i>Big 4</i> para <i>Big 4</i>.</p> <p>A QA verificada após o processo de rotação tende a ser menor quando a empresa auditora já tem uma longa relação com o cliente.</p>	<p>As medidas utilizadas para analisar a QA (<i>accruals</i> discricionários anormais) não se apresentam com grande robustez. Isto significa que, em geral, os modelos estimados com esta medida, não apresentam qualidade suficiente para explicar a QA.</p> <p>Dados obtidos são de um curto período de tempo (apenas 4 anos) o que não permitir analisar eficazmente os efeitos da rotação e da longa duração da relação cliente-auditor.</p>

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Choi et al. (2017) (Coreia do Sul) (Continuação)			Mudança de empresa de auditoria (<i>Big 4</i> vs não <i>Big 4</i>). Duração da relação auditor-cliente.	<u>Resultados respeitantes à rotação obrigatória vs voluntária na QA:</u> A QA das empresas que fazem um processo de rotação obrigatório diminui (valores positivos dos <i>accruals</i> anormais) comparativamente ao verificado quando o processo de rotação é voluntário. A diferença verificada ao nível da QA entre empresas com processos de rotação obrigatório e com processos de rotação voluntários, não se revela estatisticamente significativo quando a relação auditor-cliente é mais longa. A QA associada a um processo de rotação obrigatória tende a melhorar quando a empresa auditoria roda de uma empresa não <i>Big 4</i> para <i>Big 4</i> .	Os dados dizem respeito apenas um único país com um contexto institucional muito específico, o que não permite comparar os resultados obtidos com outros países com diferentes leis e regulamentos.
Prazeres & Pais (2017) (Portugal)	O aumento dos honorários do auditor, assim como a maior dimensão da empresa de auditoria estão relacionados com uma menor QA expressa pela emissão de um relatório de auditoria modificado?	160 observações de empresas cotadas portuguesas no <i>Euronext Lisbon</i> entre 2010 e 2014. Dados foram retirados de DF's e da base de dados <i>Amadeus da Bureau Van Dijk</i> .	<u>Variável Dependente:</u> Emissão de relatório de auditoria modificado. <u>Variável Independente:</u> Dimensão da empresa (Pertença ou não ao <i>Big 4</i>), honorários do auditor.	Existe uma associação positiva entre a emissão de relatórios de auditoria modificados e o facto da empresa auditada ser de maior dimensão (pertença a <i>Big 4</i>), o que significa que as empresas <i>Big 4</i> apresentam uma maior QA. Os honorários do auditor estão relacionados negativamente com a emissão de relatórios de auditoria modificados por parte do auditor, o que revela que auditores com maiores honorários apresentam menor QA.	Entende-se necessário o uso de mais <i>proxies</i> que permitam avaliar a influência das características das empresas de auditoria (dimensão do auditor e honorários de auditoria) e a sua influência na QA prestada, de modo a tornar a pesquisa mais robusta e com mais evidências de relações existentes. Torna-se relevante a existência de outros estudos de investigação que foquem outros fatores que determinam a QA como a rotação obrigatória das sociedades de auditoria ou dos revisores oficiais de contas e a especialização dos mesmos.
Pham et al. (2017) (Vietname)	Será que a QA varia em função das características da empresa de auditoria (dimensão, honorários e reputação)?	192 empresas cotadas nas bolsas de valores do Vietname (<i>Ho Chi Minh Stock Exchange</i>). Os dados são relativos aos anos de 2006-2014.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Reputação da empresa de auditoria, honorários de auditoria, dimensão da empresa de auditoria.	A maior dimensão da empresa auditora, assim com os honorários de auditoria mais elevados estão associados, de modo significativo, a uma menor QA (maiores valores dos <i>accruals</i>). Por outro lado, uma maior reputação da empresa auditora está associada de modo significativo a uma maior QA (menores valores dos <i>accruals</i>).	A inclusão de outros determinantes da QA como a competência geral do auditor, especialização do setor de auditoria, a duração da relação auditor-cliente, rotação do auditor, o esforço do auditor, processos de auditoria usados e, por último, <i>audit support system</i> . Existem outras medidas financeiras para além dos <i>accruals</i> discricionários (<i>operating profit</i> , <i>non-operating profit</i> , apresentação e classificação dos ativos e passivos, comunicação de informação financeira e de certas notas adicionais relevantes) que podem ser usadas na medição da QA de modo a confirmar os resultados obtidos nesta investigação.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Wong et al. (2018) (China)	A QA varia atendendo às diferentes dimensões das empresas CPA (<i>Certified Public Accountant firm</i>) quando sujeitas a diferentes exposições de riscos de litigação?	5.429 registos de auditorias realizadas pelas empresas CPA na China no período 2001-2006.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Emissão de relatórios de auditoria modificados, honorários de auditoria. <u>Variáveis Independentes:</u> Empresas CPA de maior dimensão, empresas CPA de menor dimensão. <u>Variável Moderadora:</u> Elevado/reduzido risco de litigação.	Existe uma relação positiva, quer entre a dimensão da empresa auditora como do risco de litigação na QA (analisada pelos honorários de auditoria e pela emissão de opiniões modificadas), o que significa que quanto maior for a empresa de auditoria e o o risco de litigação maior é a QA. Nota-se uma associação positiva entre empresas de elevada dimensão e QA (aumento da emissão de relatórios de auditoria modificados e aumento dos honorários de auditoria cobrados aos seus clientes), nas empresas com baixos riscos de litigação. A associação positiva evidenciada anteriormente torna-se menos significativa quando as empresas de auditoria de grande dimensão estão expostas a elevados riscos de litígio.	A China é um país onde as empresas internacionais de auditoria (<i>Big 4</i>) não operam. Desta forma, o presente estudo deveria adotar dois países para estudar este tema e, assim, obter uma discussão de resultados mais robusta.
Lopes (2018) (Portugal)	Empresas portuguesas auditadas por empresas de auditoria de maior dimensão (<i>Big 4</i>) apresentam menores manipulações de resultados e, portanto, melhor QA face às empresas auditadas por não <i>Big 4</i> ?	Amostra composta por 4.723 empresas não cotadas em Portugal que utilizam o SNC (Sistema de Normalização Contabilístico) presentes em diversos setores de atividades. A amostra é subdividida para empresas de maior e menor dimensão (<i>Big 4</i> =790; não <i>Big 4</i> =3.933). Informação retirada da base de dados SABI (<i>Iberian Balance sheet Analysis System</i>) no período 2011-2013.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Pertença ao <i>Big 4</i> .	Os principais resultados empíricos evidenciam a existência de uma relação significativa entre a manipulação dos resultados (<i>accruals</i> discricionários) e a QA, sugerindo que as empresas auditadas por <i>Big 4</i> têm um menor grau de manipulação de resultados do que as empresas auditadas por não <i>Big 4</i> .	Amostra reduzida apenas a empresas portuguesas não cotadas e com um referencial temporal reduzido a 3 anos o que pode restringir a direção dos resultados obtidos. Uma comparação entre empresas não cotadas e empresas cotadas em Portugal também seria relevante para uma apresentação robusta dos resultados e uma melhor compreensão entre estes dois tipos de empresas e a QA existente.
Abid et al. (2018) (Paquistão)	As empresas de auditoria <i>Big 4</i> apresentam melhor QA e moderam a manipulação de resultados quando estão perante empresas familiares?	907 observações de empresas não financeiras pertencentes a 12 setores diferentes (449 observações de empresas auditadas por <i>Big 4</i> e 458 observações de empresas não auditadas por <i>Big 4</i>) cotadas na bolsa de valores de <i>Karachi</i> (Paquistão). Dados relativos aos anos de 2009-2013 e retirados da base de dados da <i>BVD OSIRIS</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários calculados pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 2005), <i>Accruals</i> discricionários calculados pelo modelo <i>performance-adjusted discretionary accruals</i> (Kothari et al., 2005), relatórios de auditoria modificados. <u>Variáveis Independentes:</u> Empresas controladas por familiares, empresa cliente auditada por <i>Big 4</i> .	O facto da empresa cliente ser auditada por uma empresa <i>Big 4</i> não está relacionado de modo significativo com a QA, medida através dos <i>accruals</i> discricionários e pelos relatórios de auditoria modificados. O facto da empresa cliente ser controlada por familiares contribui para uma diminuição da QA (maiores valores de <i>accruals</i> discricionários). O impacto negativo do controlo da empresa por familiares na QA não varia de modo significativo quando as empresas são auditadas por uma <i>Big 4</i> , o que revela que o facto da empresa de auditoria ser de elevada dimensão não modifica a tendência das empresas controladas por familiares em manipular aos resultados nas <i>DF</i> 's.	Modelos explicativos da QA recorrem aos <i>accruals</i> discricionários sendo que estes apresentam em geral fraco ajustamento e são limitados e pouco robustos para explicar a QA. Amostra pertencente a um contexto muito específico em termos económicos como é o Paquistão e não permite generalizar resultados a outros contextos. Amostra reduzida para o número de setores analisados e também limitada a um curto período de tempo (apenas 5 anos).

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Alsmairat et al. (2019) (Jordânia)	Fatores como a manutenção do auditor e a dimensão da empresa de auditoria apresentam uma associação positiva e significativa com a QA?	200 questionários distribuídos aos auditores externos na Jordânia, mas apenas 150 foram respondidos.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Percepção da QA dos auditores externos. <u>Variáveis Independentes:</u> Dimensão da empresa de auditoria, manutenção da relação auditor-cliente.	Associação positiva e significativa da manutenção da relação auditor-cliente na QA. Não existe associação significativa entre a dimensão da empresa de auditoria e a QA.	Uma limitação deste artigo é o grande foco na percepção dos auditores como medida para a QA. Entende-se necessário a incorporação de outras percepções como dos clientes e legisladores e também medidas mais diretas e objetivas como indicadores não financeiros e financeiros.
Jiang et al. (2019) (EUA)	A alteração da empresa de auditoria de não Big N para Big N (após aquisição/fusão da não Big N pela Big N) leva a variações na QA?	331 empresas públicas que foram auditadas por empresas não Big N adquiridas por auditores Big N. Estas empresas dizem respeito a um conjunto de empresas clientes, retiradas do <i>Who Audits America</i> e do <i>Public Accounting Report</i> , cujas empresas auditoras foram adquiridas por uma Big N durante o período compreendido entre 1976-1999, e de empresas clientes cuja empresa auditora foi adquirida pela Big N entre 2000-2014 e cujos dados foram retirados do base de dados do <i>Audit Analytics</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, <i>financial statement divergence score</i> (medida representativa para detetar erros nas DF's). <u>Variáveis Independentes:</u> Pertença ao Big N aquisição não Big N, pertença a não Big N que adquiriu outra não Big N, pertença a empresa cliente que sempre foi auditada por Big N, pertença a empresa cliente que sempre foi auditada por não Big N	A diferença verificada nos <i>accruals</i> discricionários das empresas clientes durante a transição da empresa auditora não Big N para Big N é significativamente negativa, evidenciando maior QA. A diferença verificada nos <i>accruals</i> discricionários nas DF's de empresas clientes que transitaram de uma não Big N para outra não Big N não se revelou significativa, o que revela que as empresas clientes não apresentam variações significativas em termos de QA quando mudam para uma empresa de auditoria da mesma dimensão. A diferença verificada no valor dos <i>accruals</i> discricionários entre empresas que sempre foram auditadas por Big N e as que foram por empresas não Big N revelou-se negativa e significativa, o que permite afirmar que as empresas que sempre foram auditadas por empresas Big N tendem a ter menos <i>accruals</i> discricionários nas suas DF's comparativamente às que sempre foram auditadas por uma empresa não Big N. A mesma tendência para uma melhor QA nas empresas clientes que transitaram de uma empresa auditora não Big N para uma Big N também se revela significativa quando se recorre ao uso do <i>financial statement divergence score</i> como <i>proxxy</i> da QA. A QA medida pelo <i>financial statement divergent score</i> não varia de modo significativo quando as empresas clientes que são auditadas por uma empresa auditora não Big N, transitam para uma do mesmo tipo. A mesma ausência de diferenças nota-se entre as empresas que sempre foram auditadas por Big N comparativamente às que sempre foram por uma não Big N.	Dificuldade em fazer generalizações sobre o efeito da aquisição de empresas de auditoria não Big N por empresas Big N na QA, devido à reduzida amostra e ao facto da mesma se restringir a um contexto e tempo específico.

Tabela 2: Descrição das investigações sobre a relação entre a dimensão da empresa de auditoria e a QA.

No que respeita ao contributo da especialização na indústria, cujos estudos são sistematizados na tabela 3, é possível concluir que esta é um dos determinantes da QA que apresenta resultados pouco conclusivos, uma vez que existe um número muito semelhante de estudos que apresentam um efeito significativo e não significativo.

Assim, por um lado a especialização do auditor parece contribuir para a QA de modo significativo (Elder, Lowensohn & Reck, 2015; Hegazy, Sabagh & Hamdy, 2015; Yuan, Cheng & Ye, 2016; Liu et al., 2017; Gunn & Michas, 2018; Butar-Butar & Indarto, 2018). Este contributo pode ser considerado a especialização na própria empresa de auditoria (Elder et al., 2015) ou então ao nível do *partner* de auditoria (Yuan, et al., 2016; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017), embora na maior parte dos estudos não se encontre explícito qual o tipo de especialização, sendo a mesma analisada de forma geral (Ernstberger, Koch & Tan, 2015; Hegazy et al., 2015; Gunn & Michas, 2018; Butar-Butar & Indarto, 2018).

Por outro lado, também se verifica um efeito não significativo da especialização do auditor na QA (Fadhila, 2014; Yuan et al., 2016¹⁴; Karami et al., 2017; Liu et al., 2017¹⁵; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017; Butar-Butar & Indarto, 2018¹⁶), sendo que grande parte desta ausência de relação significativa entre QA e a especialização se verifica quando a especialização é da empresa de auditoria (Fadhila, 2014; Yuan et al., 2016).

Os estudos referidos aparecem caracterizados na já referida tabela 3, que se apresenta de seguida.

14 Relação não significativa entre a especialização e a QA apenas para as empresas de auditoria.

15 A especialização do auditor não contribui para a QA apenas quando está associada à retenção de novos clientes.

16 Neste estudo o auditor especializado não contribui para maior QA em empresas complexas.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Fadhila (2014) (Indonésia)	A especialização da empresa de auditoria, assim como a duração da relação entre o <i>partner</i> de auditoria ou empresa de auditoria com o cliente apresenta um impacto significativo na QA?	36 empresas do setor da manufatura cotadas na bolsa de valores da Indonésia. Dados relativos aos anos de 2004-2010, retirados da base de dados da bolsa de valores, do IAPI e do <i>Indonesian Capital Market Directory</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> Emissão de relatório de auditoria modificado. <u>Variáveis Independentes:</u> Especialização da empresa de auditoria, duração da relação auditor-cliente, duração da relação empresa de auditoria-cliente.	A maior duração da relação <i>partner</i> de auditoria-cliente apresenta um impacto significativo na QA, contribuindo para a sua melhoria. Por outro lado, a duração da relação empresa de auditoria-cliente, não contribui para mudanças na QA. Quanto à especialização da empresa auditoria, dada a ausência de relação significativa com a QA, não é possível afirmar que a mesma melhore ou piore em função do auditor ser especializado.	A medida utilizada para avaliar a QA é demasiado subjetiva e não é baseada nenhum tipo de indicador, como por exemplo indicadores financeiros (e.g. <i>accruals</i> discricionários). A <i>proxy</i> utilizada para medir a especialização do auditor deve ter em conta a influência das características dos clientes, assim como da reputação da empresa de auditoria. Amostra limitada a um único setor o que não permite generalizar a relação entre duração da relação auditor-cliente e especialização na indústria para o conjunto de setores em que é necessário QA. Amostra limitada no que respeita ao número de empresas estudadas num período de tempo já considerando longo (6 anos).
Ernstberger et al., (2015) (Alemanha)	A especialização dos auditores (com conhecimentos técnicos e gestão) influenciam a QA?	4.444 observações relativas a 10 diferentes indústrias, obtidas através dos relatórios de auditoria de empresas não financeiras cotadas na Alemanha. Ddaos relativos aos anos de 2002-2013, retirados de bases de dados como DF's das empresas de sites das próprias empresas e do <i>Electronic Company Register</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários anormais. <u>Variáveis Independentes:</u> Especialização em conhecimentos técnicos, especialização técnica em empresas públicas durante pelo menos 5 anos (<i>Technical Pub</i>), especialização técnica em empresas públicas do mesmo setor do atual cliente durante pelo menos 5 anos (<i>Technical Ind</i>), especialização em conhecimentos de gestão.	Os auditores que apresentam melhores conhecimentos técnicos estão relacionados com uma melhor QA (menores <i>accruals</i> discricionários anormais e são mais propensos a relatar problemas de continuidade da empresa cliente). Ambos os tipos de auditores (<i>Technical Pub</i> e <i>Technical Ind</i>) contribuem para uma melhor QA (menores <i>accruals</i> discricionários anormais). O conhecimento de gestão por parte dos auditores não parece influenciar de modo significativo a QA. A QA realizada por auditores especializados em conhecimentos técnicos é significativamente superior à obtida pelos especialistas em conhecimentos de gestão.	O uso dos <i>accruals</i> discricionários anormais como única medida de QA apresenta-se como limitação na presente investigação. Uso de dados de apenas um país europeu o que poderá limitar a generalização dos resultados para a UE.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Elder et al. (2015) (EUA)	A influência da rotação dos auditores na QA é mediada pela escolha de uma empresa de auditoria especializada?	216 respostas de questionários a entidades governamentais do Estado da Flórida.	<u>Variáveis Dependentes:</u> N ^o de incumprimentos (<i>Non comply</i>). <u>Variáveis Independentes:</u> Rotação das empresas de auditoria, especialização dos auditores.	A presença de políticas de rotação para as empresas de auditoria (voluntária ou obrigatória) estão associadas ao recurso a empresas de auditoria especializadas. O uso de empresas de auditoria especializadas e a obrigatoriedade de rotação da empresa de auditoria sugere uma maior QA. Clientes que adotaram as políticas de rotação eram mais propensas a ter melhor QA.	Amostra usada bastante restrita apenas a entidades governamentais do Estado da Flórida.
Hegazy et al. (2015) (Egito)	A QA varia entre auditores especializados e não especializados?	70 auditores (20 especialistas no ramo da construção e 50 não especialistas) de empresas de auditoria do Egito.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Identificação de deficiências no controlo interno, identificação de distorções nas DF's face a normas de contabilidade (IAS/IFRS), insuficiência de evidências que sustentam a opinião do auditor (<i>Insufficiency of evidence qualifications</i>) <u>Variáveis Independentes:</u> Especialização no setor.	Não existe associação significativa na identificação de deficiências no controlo interno entre os auditores especialistas e os não especialistas, o que evidencia que os auditores especialistas no setor não superam os não especialistas na restrição da manipulação dos resultados pela empresa cliente. Tal facto não evidencia diferenças na QA entre auditores especializados na indústria e não especializados. A proporção de auditores especialistas a detetar distorções e fraudes nas DF's é significativamente superior que a verificada pelos auditores não especialistas, o que significa melhor qualidade das DF's dos clientes quando auditados por especialistas no setor. Esta situação evidencia uma melhor QA por parte dos auditores especializados na indústria. Existem diferenças significativas na <i>performance</i> dos auditores especialistas face aos auditores não especialistas a prestar serviços de auditoria de elevada qualidade.	Estudo experimental limitado apenas ao setor da indústria da construção, pelo que deveria ser analisado e comparados resultados relativos a outras firmas de diferentes setores. Apenas foi analisada a <i>performance</i> de auditores de uma única empresa de auditoria pelo que deveriam ser utilizadas mais empresas de auditoria e de diferentes setores para uma melhor generalização de resultados.
Yuan et al. (2016) (China)	De que forma a estratégia de negócios dos clientes modera a relação entre a especialização do setor de auditoria com a QA?	12.253 observações de 1.590 empresas cotadas na China para o período 2000-2010, relativas a 20 indústrias diferentes. Informação obtida através do CSMAR (<i>China Stock Market and Accounting Research</i>).	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Estratégia de negócio dos clientes, especialização na indústria (<i>partner</i> de auditoria e empresa de auditoria).	A especialização do <i>partner</i> de auditoria contribui para uma melhor QA (menores <i>accruals</i> discricionários). O mesmo não se pode dizer da especialização das empresas de auditoria. Associação negativa entre os <i>partners</i> de auditoria especializados na indústria e os <i>accruals</i> discricionários mais pronunciada quando a estratégia de negócios dos clientes se desvia das normas do setor.	As empresas chinesas cotadas no mercado normalmente apresentam uma procura pela QA inferior quando comparadas com outras empresas cotadas nos mercados desenvolvidos. Esta situação limita a generalização dos resultados obtidos no presente estudo para outros mercados. Estudo relevante para países com fraca proteção aos investidores e evidência de menores riscos de litigância.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Karami et al. (2017) (Irão)	Existe associação entre a manutenção da relação entre o auditor-cliente e o atraso do relatório de auditoria em função do efeito da especialização na indústria do setor de auditoria?	141 empresas de 25 indústrias cotadas na bolsa de valores do Teerão. Dados obtidos retirados do <i>Rah-Avard Novin Software</i> relativos aos anos de 2010-2014.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Número de dias entre o final do ano econômico e a emissão do relatório de auditoria (<i>Audit Report Lag</i>). <u>Variáveis Independentes:</u> Duração da relação auditor-cliente, especialização na indústria.	A permanência de uma relação entre o auditor-cliente não apresenta associação significativa com o atraso do relatório de auditoria com ou sem o efeito da especialização do setor de auditoria. Esta situação evidencia que quanto maior o mandato do auditor menor a QA sendo os auditores especializados ou não.	O papel da comissão de auditoria é um fator que deveria ser controlado quando se pretende avaliar a QA. Amostra reduzida considerando o número de setores de atividade analisados na presente investigação. O período de tempo analisado (2010-2014) é reduzido tendo em conta um dos determinantes da QA que estão a ser analisados (duração da relação auditor-cliente).
Liu et al. (2017) (Taiwan)	As aceitações de novos clientes têm impacto na QA quando os auditores apresentam diferentes tipos de especialização?	39.439 observações de empresas não financeiras retiradas da base de dados <i>TEJ (Taiwan Economic Journal)</i> relativas ao período 1990-2013.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários. <u>Variáveis Independentes:</u> Aceitação de novos clientes, duração da relação entre auditor-cliente, especialização do auditor (especialista no setor, especialista com um <i>portfolio-concentration expert</i> , auditor não especialista).	A aceitação de novos clientes por parte do auditor está associada a uma menor QA (maiores valores de <i>accruals</i> discricionários) quando o auditor não é especialista em geral (quer no setor quer num <i>portfolio-concentration expert</i>). A maior duração da relação auditor-cliente contribui para uma maior QA (menores valores de <i>accruals</i> discricionários) nos casos em que o auditor é não especialista no setor mas apresenta especialização num <i>portfolio-concentration expert</i> . Adicionalmente, esta associação também se estende quando o auditor não é especialista quer no setor quer num <i>portfolio-concentration expert</i> . No caso em que a empresa cliente é auditada por um auditor especializado no setor e por um auditor especializado num <i>portfolio-concentration expert</i> , não existem evidências significativas de uma relação entre a aceitação de novos clientes e a QA. A mesma ausência de relação significativa entre QA e aceitação de novos clientes também se estende ao caso do auditor não ser especialista no setor, mas ser especialista num <i>portfolio-concentration expert</i> e, por último, à situação do auditor ser especialista no setor, mas não ser especialista num <i>portfolio-concentration expert</i> .	Uma limitação presente nesta investigação é a não incorporação de dados de empresas financeiras, de modo a uma obtenção mais robusta dos resultados. Falta de qualidade na medida de avaliação adotada para avaliar a QA prestada pelos auditores que é baseada na manipulação de resultados (<i>accruals</i> discricionários). Estes resultados não podem ser generalizados para países com cenários diferentes, ou seja, diferentes riscos de litigação e de regulamentação das empresas de auditoria, por exemplo.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Liu et al. (2017) (Taiwan) (Continuação)				<p>Os clientes auditados por empresas de auditoria de grande dimensão apresentam QA significativamente inferior (valores maiores de <i>accruals</i> discricionários) quando são auditadas por um auditor especializado quer no setor quer numa carteira de clientes, face às restantes situações (empresas clientes que são auditadas por não especialistas mas apresenta concentração da carteira de clientes, empresas clientes auditadas por especialistas no setor e não apresentam concentração de carteira de clientes e, por fim, empresas clientes auditadas por não especialistas no setor nem com concentração de uma carteira de clientes).</p> <p>Os clientes auditados por empresas de auditoria de reduzida dimensão evidenciam uma menor QA quando os auditores são especialistas no setor e especialistas numa carteira de clientes face aos clientes que são auditados por especialistas no setor e os que não têm concentração de uma carteira de clientes.</p> <p>Assim, conclui-se que a especialização do auditor quando associada à retenção de novos clientes não contribui para a QA.</p>	
Gunn & Michas (2018) (EUA)	Existe associação entre a QA e o <i>expertise</i> dos escritórios de auditoria na realização de trabalhos de auditoria multinacionais?	10.143 observações relativas aos anos 2003-2015 de 2.256 empresas multinacionais com sede nos EUA, que apresentam pelo menos uma empresa subsidiária fora do país e que fazem vendas para o estrangeiro.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> Reformulações nas DF's.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Auditor com experiência em empresas multinacionais, auditor que opera apenas nas empresas do país.</p> <p><u>Variáveis Moderadoras:</u> Uso das IFRS, volume de vendas para o estrangeiro, estado de direito.</p>	<p>Existe uma associação negativa entre o facto de o auditor ter experiência em auditorias em empresas fora do país e a existência de reformulações, ou seja, neste caso a QA tende a ser superior quando realizada por auditores multinacionais.</p> <p>A QA não varia de modo significativo quando o auditor tem apenas experiência em auditorias em empresas do país local, uma vez que não existe associação significativa entre o facto de o auditor só ter experiência interna e a existência de reformulações financeiras.</p> <p>Existe uma menor probabilidade de ocorrência de reformulações e, neste caso, de uma melhor QA nos casos dos auditores que operam quer a nível nacional como multinacional.</p>	Falta de variáveis de controlo no modelo usado para medir a relação entre a QA e a especialização do auditor na indústria.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Gunn & Michas (2018) (EUA) (Continuação)				<p>A QA tende a aumentar no caso de os auditores terem experiência, apenas multinacional, ou ambos os tipos de experiência, nas empresas em que se verifica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Uma elevada percentagem de vendas no estrangeiro pelas empresas clientes. - Baixo uso do IFRS pelas empresas subsidiárias localizadas em países em que estas normas não são obrigatórias. - Existência de empresas subsidiárias em países em que o estado de direito é fraco. <p>Nota-se que as empresas com auditores com maior experiência multinacional têm mais facilidade em conduzir auditorias com qualidade em empresas multinacionais.</p>	
Garcia-Blandon & Argiles-Bosch (2017) (Espanha)	Qual é o impacto da especialização do <i>partner</i> de auditoria na QA de empresas espanholas?	816 registos relativos aos anos de 2005-2013, de empresas não financeiras públicas espanholas.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, emissão de relatórios de auditoria modificados.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> <i>Partner</i> de auditoria especializado baseado nas vendas das empresas clientes, <i>partner</i> de auditoria especializado baseado no número de clientes, quota de mercado do <i>partner</i> de auditoria especializado na indústria com base nas vendas dos seus clientes.</p>	<p>A QA, medida pelos <i>accruals</i> discricionários, não difere de modo significativo (tendendo a ser melhor) pelo facto de o <i>partner</i> de auditoria ser especializado.</p> <p>A probabilidade de existir opiniões modificadas por parte do <i>partner</i> de auditoria (que significa uma melhor QA) não está associada ao facto do auditor apresentar maior especialização.</p>	<p>Medidas de especialização do auditor contemplam apenas dados de empresas públicas.</p> <p>O mercado Espanhol apresenta setores com um número de empresas bastante reduzido, o que diminui a possibilidade da representatividade da amostra.</p> <p>Necessidade de uso de um número elevado de <i>proxies</i> para analisar a especialização na indústria, na medida em que o nível de especialização de um determinado auditor não é observável.</p>
Butar-Butar & Indarto (2018) (Indonésia)	Existem diferenças na relação entre a QA e a especialização do auditor quando se está perante indústrias complexas e não complexas?	<p>520 observações de 130 empresas em 9 setores de atividade, cotadas na bolsa de valores da Indonésia, relativas ao período de 2012-2015.</p> <p>A presente amostra divide-se em duas subamostras consoante a existência ou não de especialização dos auditores (especialistas=288, não especialistas=232).</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários anormais.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Especialização do auditor, complexidade da indústria.</p>	<p>A QA em empresas complexas que tem um auditor especializado é significativamente inferior em relação às não complexas que também tem um auditor especializado. Este argumento evidencia que o auditor especializado não apresenta um papel significativo na melhoria da QA em ambientes de negócio complexos.</p>	<p>Os critérios definidos para uma separação de empresas complexas das não complexas são muito amplos e podem não distinguir adequadamente os dois tipos de ambientes.</p> <p>Nem todos os dados relativos ao período de 2012-2015 se encontravam facilmente acessíveis, o que levou a obtenção de um número de observações reduzido para um período de tempo já razoável (4 anos).</p>

Tabela 3. Descrição das investigações sobre a relação entre a especialização na indústria pelo auditor e a QA.

3.3 Relação entre auditor-cliente: Duração da relação entre auditor-cliente e Rotação do auditor

A manutenção do auditor com um determinado cliente é o período de tempo em que o auditor conduziu exames, pelo menos anuais, às DF's de uma empresa (Rahmina & Agoes, 2014). Esta duração da relação auditor-cliente e o risco subjacente decorrente do desenvolvimento de um relacionamento próximo entre ambos é um fator que pode influenciar a independência do auditor e, conseqüentemente, a QA. A rotação do auditor surge neste âmbito como solução a esta potencial perda de independência, na medida em que a mudança periódica dos auditores acaba por trazer uma nova perspectiva para a auditoria podendo resultar numa melhoria da mesma (Lennox et al., 2014; Maria, 2016).

Existem duas visões distintas na literatura assentes na duração do mandato do auditor.

Por um lado, uma maior permanência do auditor a prestar serviços de auditoria diminui a independência entre eles e, conseqüentemente, verifica-se uma QA mais reduzida e um maior risco de litígio (Carey & Simnett, 2006; Davis, Soo & Trompeter, 2009; Ball et al., 2015). Lee, Mande & Son (2009) argumentam que existe necessidade de *fresh eyes* para a auditoria, no sentido de se detetarem problemas que anteriormente tinham sido negligenciados, conduzindo a uma maior confiança dos investidores na profissão de auditoria.

Em contraste, Carcello & Nagy (2004) argumentam que a permanência prolongada entre o auditor e o cliente pode estar associada a um maior investimento do seu conhecimento na empresa cliente, aumentando o seu *expertise*. Esta situação origina maior QA.

A rotação do auditor (da empresa de auditoria ou do *partner* de auditoria) surge, assim, como potencial determinante da QA. As empresas podem

rotacionar os seus auditores de forma obrigatória ou voluntária (Corbella et al., 2015; Elder et al., 2015; Stakebrand, 2016; Febrianto, Dini, Audina, Yuskar & Juita, 2017; Wang & Zhu, 2018). De notar que os motivos para uma mudança voluntária dos auditores nem sempre são claros, pois as empresas podem não estar obrigadas a divulgar essas informações (Stakebrand, 2016). Nashwa (2004) mostra que a mudança voluntária do auditor pode estar associada a falhas de auditoria, como dificuldades financeiras e fraudes.

Após a introdução da SOX nos EUA, em 2002, o PCAOB realizou um estudo sobre os efeitos da rotação de auditores, tendo concluído que os benefícios não superam os custos. A ideia da rotação das sociedades de auditoria nos EUA foi, assim, abandonada. No entanto, na Europa, existe legislação em que exige a rotação obrigatória após dez anos de mandato (Regulamento (UE) N° 537/2014 do Parlamento Europeu e do Conselho, 2014).

Uma quantidade extensa de literatura foi escrita sobre os efeitos esperados da rotação obrigatória (Jackson, Moldrich & Roebuck, 2008; Chi et al., 2009; Bowlin, Hobson & Piercey, 2015; Corbella et al., 2015; Cameran et al., 2015; Elder et al., 2015). Enquanto uns autores defendem que a rotação obrigatória pode não ser a melhor solução devido à perda de conhecimento específico do cliente com a rotação do auditor originando uma menor QA (Arrunada & Paz-Ares, 1997; Carcello & Nagy, 2004), há também estudos que relatam resultados opostos, fornecendo evidências de que a rotação obrigatória aumenta a independência entre o auditor e o cliente, resultando numa QA mais elevada (Elder et al., 2015).

De seguida procede-se a uma análise detalhada de investigações recentes relacionada com a manutenção do auditor e rotação.

Na tabela 4, sintetiza-se estudos realizados entre 2014-2019 sobre a influência da duração do mandato na QA.

A duração da relação entre cliente-auditor é outro dos determinantes em que na literatura recente revista não se pode retirar conclusões muito precisas sobre

o seu impacto na QA, na medida em que as opiniões defendidas pelos autores são controversas.

Também se revelou difícil compreender o contributo diferenciado da empresa de auditoria e do *partner* de auditoria, na medida em que a maioria dos estudos não fazem essa diferenciação, referindo-se apenas a auditores em geral.

De qualquer modo, da análise efetuada, pode-se concluir que um número considerável de pesquisas focadas na duração da relação auditor-cliente está relacionado de modo significativo com a QA (Ball et al., 2015; Cameran et al., 2016; Turel, Tas, Genc & Ozden, 2017; Ubaka, 2017; Kyriakou & Dimitras, 2018¹⁷; Bratten et al., 2019; Alsmairat et al., 2019).

Apresentando mais explicitamente estes resultados observa-se que a duração da relação auditor-cliente não especificada (ou seja, no artigo científico não refere se diz respeito ao *partner* de auditoria ou à empresa de auditoria) contribui para uma melhor QA (Ubaka, 2017; Alsmairat et al., 2019). Não obstante, outros estudos argumentam que a manutenção do auditor (não especificada) contribui para uma pior QA (Turel et al., 2017¹⁸).

Por último e considerando os estudos que especificam o auditor em análise, algumas pesquisas sugerem que a duração da relação entre a empresa de auditoria com a empresa cliente está associada a melhorias na QA (Ball et al., 2015¹⁹) e que a duração da relação entre o *partner* de auditoria com a empresa cliente está associada a uma diminuição da QA (Ball et al., 2015).

Considerando as diferenças entre a relação de longa duração e curta duração, verifica-se que alguns estudos defendem que uma relação de longa duração entre o auditor-cliente está relacionada com a melhor QA (Cameran et al., 2016; Bratten et al., 2019) enquanto outras investigações sugerem que esta relação de longa duração está relacionada com uma pior QA (González-Díaz et al., 2015).

17 Neste caso a relação só é significativa nos resultados relativos apenas a Espanha.

18 Relação significativa e negativa entre o mandato do auditor e a QA através do uso do modelo *Larcker and Richardson* e da *proxy accruals* discricionários.

19 Este efeito significativo verifica-se unicamente após a adoção das IFRS.

Relativamente aos estudos que focam na relação auditor-cliente de curta duração alguns defendem que esta relação está essencialmente relacionada com pior QA (Cameran et al., 2016) enquanto outras pesquisas defendem que esta relação está relacionada com melhor QA (González-Díaz et al., 2015).

Num outro estudo foi possível observar um tipo de relação mais específica entre a duração da relação auditor-cliente, na medida em que a QA tende a ser menor após a rotação obrigatória, nos casos em que a relação com o cliente é de longa duração (Choi et al., 2017).

Por último, outras investigações, ainda que em menor número, referem que a duração da relação auditor-cliente²⁰ não está relacionada com a QA (Fadhila, 2014; Rahmina & Agoes, 2014; Karami et al., 2017; Turel et al., 2017²¹, Kyriakou & Dimitras, 2018²²).

Esta ausência de relação significativa tende a verificar-se mais nos estudos em que a duração da relação entre o auditor e o cliente não evidencia o tipo de auditor em análise, isto é, se é *partner* ou empresa de auditoria. Melhor explicando, pode-se verificar que em apenas um estudo (Fadhila, 2014) a duração da relação empresa de auditoria-cliente não contribui para mudanças na QA (Fadhila, 2014) e em apenas dois estudos (Nkemjika et al., 2017; Kyriakou & Dimitras, 2018) a duração da relação *partner* auditor-cliente não contribui para a QA.

20 Nos estudos em que a relação entre a QA e a duração do mandato do auditor (quer para *partners* de auditoria, quer para empresas de auditoria) apresenta-se significativa. Caso contrário considera-se que não existe efeito significativo.

21 Neste estudo a relação entre a duração da relação auditor-cliente e QA é apenas significativa quando a análise é feita considerando o modelo *Larcker and Richardson*.

22 Esta relação não é significativa considerando apenas 3 países dos 4 países analisados.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Fadhila (2014) (Indonésia)	A especialização da empresa de auditoria, assim como a duração da relação entre o <i>partner</i> de auditoria ou empresa de auditoria com o cliente apresenta um impacto significativo na QA?	36 empresas do setor da manufatura cotadas na bolsa de valores da Indonésia. Dados relativos aos anos de 2004-2010, retirados da base de dados da bolsa de valores, do IAPI e do <i>Indonesian Capital Market Directory</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> Emissão de relatório de auditoria modificado. <u>Variáveis Independentes:</u> Especialização da empresa de auditoria, duração da relação auditor-cliente, duração da relação empresa de auditoria-cliente.	A maior duração da relação <i>partner</i> de auditor-cliente apresenta um impacto significativo na QA, contribuindo para a sua melhoria. Por outro lado, a duração da relação empresa de auditoria-cliente, não contribui para mudanças na QA. Quanto à especialização do auditor, dada a ausência de relação significativa com a QA, não é possível afirmar que a mesma melhore ou piore em função do auditor ser especializado.	A medida utilizada para avaliar a QA demasiado subjetiva e não baseada em algum tipo de indicador, como por exemplo indicadores financeiros (e.g. <i>accruals</i> discricionários). A <i>proxy</i> utilizada para medir a especialização do auditor deve ter em conta a influência das características dos clientes, assim como da reputação da empresa de auditoria. Amostra limitada a um único setor e tal não permite generalizar a relação entre duração da relação cliente-auditor e especialização na indústria para o conjunto de setores em que é necessário QA. Amostra limitada no que respeita ao número de firmas estudadas num período de tempo já considerando longo (6 anos).
Rahmina & Agoes (2014) (Indonésia)	A independência do auditor, manutenção da relação auditor-cliente e honorários de auditoria influenciam a QA?	143 observações através de questionários a auditores seniores, supervisores, gerentes e sócios de empresas cotadas no <i>Capital Market Accountant Forum</i> na Indonésia.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Qualidade de Auditoria. <u>Variáveis Independentes:</u> Independência do auditor, manutenção da relação auditor-cliente, honorários de auditoria.	Associação significativa e positiva entre a QA e a independência do auditor sendo que quanto maior for a independência do auditor melhor é a QA. Associação não significativa entre a manutenção da relação auditor-cliente e a QA. O aumento dos honorários do auditor contribui para uma melhor QA.	A qualidade do modelo poderia ser superior se fossem controladas outras variáveis relacionadas com a QA como a especialização, a dimensão da empresa de auditoria e os riscos de litigação. A duração do período de rotação (3 anos para os <i>partner</i> e 6 anos para as empresas de auditoria) usado na presente investigação é baseado numa regulamentação desatualizada (<i>Minister of Finance Decree No.17/PMK.01/2008</i>) tendo sido revista pelo <i>IFAC Code of Ethics for Professional Accountant</i> .
Ball et al., (2015) (Austrália)	A QA diminui quando a relação entre auditor e o CEO da empresa cliente é mais prolongada? Relativamente à relação empresa de auditoria com empresa cliente, qual a associação com a QA?	266 empresas não financeiras australianas que adotaram as IFRS retiradas da lista das 500 empresas existentes no <i>Top ASX/S&P</i> para o período de 2006.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Diferenças de estimativas/ajustes pela adoção das IFRS. <u>Variáveis Independentes:</u> Duração da relação entre o <i>partner</i> de auditoria e o CEO da empresa cliente, duração da relação entre a empresa de auditoria e a empresa cliente.	Existe uma relação negativa entre as diferenças de estimativas e ajustes pela adoção das IFRS e a duração da relação entre a empresa de auditoria com a empresa cliente, o que significa que a QA tende a melhorar. Tal facto pode ser explicado pela maior duração da relação da empresa de auditoria e empresa cliente contribuir para um maior <i>expertise</i> da empresa de auditoria. A duração da relação verificada entre o <i>partner</i> de auditoria com o CEO da empresa cliente e as diferenças de estimativas e ajustes pela adoção das IFRS é positiva, o que significa que aumenta a probabilidade do uso de políticas contabilísticas mais liberais. Neste sentido a relação anteriormente descrita origina uma menor QA.	Inexistência de empresas da indústria financeira na amostra. A falta de uma <i>proxy</i> que controle a influência da rotação do auditor pode contribuir para uma estimativa menos precisa da QA. <i>Proxy</i> relativa à duração da relação entre o <i>partner</i> de auditoria e o CEO da empresa cliente é um pouco incerta. A duração da relação entre o auditor e a empresa cliente na presente pesquisa é limitada apenas a 8 anos, o que pode levar a conclusões imprecisas no que refere ao efeito da longa duração da relação na QA. Ausência de <i>proxy</i> relativa à especialização do auditor como variável de controlo.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
González-Díaz et al. (2015) (Espanha)	Existe uma relação significativa entre a QA e a manutenção da relação entre auditor-cliente?	254 associações sem fins lucrativos (Fundações) Espanholas auditadas durante o período 2003-2010, cujos dados foram retirados de fontes como <i>Inventory of State/Public Sector Organizations</i> (INVESPE) e de um software criado e atualizado pelo IGAE.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Emissão de relatórios de auditoria modificados. <u>Variáveis Independentes:</u> Duração da relação auditor-cliente igual ou inferior a 2 anos, relação auditor-cliente igual ou inferior a 4 anos, relação auditor-cliente igual ou superior a 6 anos.	A QA tende a aumentar quando os auditores têm um compromisso com os seus clientes até ao período máximo de 6 anos. Quando essa relação tem uma duração superior a 6 anos a probabilidade de emissão de opiniões modificadas diminui, evidenciando uma menor QA.	Estudo centrado em organizações sem fins lucrativos, onde a pesquisa empírica é limitada.
Cameran et al. (2016) (Itália)	Será que a QA se apresenta melhor nos últimos 3 anos de ligação do auditor com a empresa cliente nas empresas Italianas?	1.184 observações, do período de 1985-2004, de empresas não financeiras italianas cotadas no <i>Milan Stock Exchange</i> , retirados de fontes como a publicação <i>Calepino Dell'Azionista e AIDA Database</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, perceção dos investidores sobre a QA prestada. <u>Variáveis Independentes:</u> Ligação auditor-empresa cliente durante 3 anos (1º período), ligação auditor-empresa cliente durante 6 anos (2º período) e ligação auditor-empresa cliente durante 9 anos (3º período).	Existe uma associação negativa entre os valores dos <i>accruals</i> discricionários e o facto do auditor se encontrar nos últimos 3 dos 9 anos de relação com a empresa cliente. Tal facto revela que existe uma tendência para o auditor apresentar uma opinião mais conservadora nos últimos 3 anos da sua ligação com a empresa cliente, aumentando a QA prestada. Associação negativa entre a QA prestada (medido por um maior nível de <i>accruals</i> discricionários) e os dois primeiros períodos de relação entre auditor-cliente (6 anos), pois existem incentivos por parte do auditor em ser reeleito até 9 anos (3º período). A probabilidade de a perceção dos investidores ser mais elevada ocorre nos últimos 3 anos de relação auditor-cliente face aos 6 anos iniciais.	Dificuldade de generalizar conclusões para outros contextos devido ao contexto italiano apresentar um cenário único, caracterizado por um ambiente jurídico relativamente fraco e menores riscos de litigância para os auditores. Esta situação limita a generalização dos resultados desta pesquisa para outros países com cenários diferentes (países anglo-saxónicos devido a políticas mais conservadoras). A Itália tornou a opção de substituir o auditor no final de cada 3 anos encerrada, isto é, uma vez nomeado o auditor este fica retido pelo período máximo de 9 anos. Esta situação parece benéfica para a QA, mas este estudo não foca esta situação.
Choi et al. (2017) (Coreia do Sul)	Existem diferenças significativas na QA entre as empresas de auditoria que estão sujeitas a um processo de rotação obrigatória e as que não estão sob esse efeito? Será que essa diferença se verifica quando as empresas clientes mudam de empresa de auditoria entre <i>Big 4</i> e não <i>Big 4</i> ? A diferença verificada antes e após rotação variam em função da duração da relação entre auditor e cliente?	334 empresas públicas cotadas na bolsa de valores da Coreia. Das empresas analisadas a maioria transitou de uma empresa <i>Big 4</i> para outra <i>Big 4</i> (n=145, 43.41%), só foi sujeita a dois processos de rotação (n=121, 36.23%) e apresenta um período mínimo de duração de relação com a empresa de auditoria (6 anos) (n=88, 26.35%). Os dados obtidos são relativos aos anos de 2006-2009 e foram retirados do <i>KIS-VALUE e Data-Guide database systems</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários anormais estimados pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 1995), <i>Accruals</i> discricionários anormais estimados pelo modelo de Kothaur et al. (2005), Valor absoluto dos <i>accruals</i> obtidos pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 1995), Valor absoluto dos <i>accruals</i> obtidos pelo modelo de Kothaur et al. (2005). <u>Variáveis Independentes</u> ROT 1 (FROT vs PROT) (Diferença entre período pós rotação e pré rotação, quando a rotação é obrigatória) ROT 2 (FROT vs VROT) (Diferença entre rotação obrigatória e rotação voluntária). Mudança de empresa de auditoria (<i>Big 4</i> vs não <i>Big 4</i>). Duração da relação auditor-cliente.	<u>Resultados respeitantes ao período pré rotação e após rotação na QA:</u> A QA das empresas com processo de rotação obrigatória é inferior no período pós-rotação face aos períodos anteriores (pré-rotação), medido pelo valor dos <i>accruals</i> discricionários. Esta relação tende a melhorar no caso da empresa auditora ter mudado de não <i>Big 4</i> para <i>Big 4</i> . A QA verificada após o processo de rotação tende a ser menor quando a empresa auditora já tem uma longa relação com o cliente.	As medidas utilizadas para analisar a QA (<i>Accruals</i> discricionários anormais) não apresentam grande robustez. Isto significa que, em geral, os modelos estimados com esta medida, não apresentam qualidade suficiente para explicar a QA. Dados obtidos são de um curto período de tempo (apenas 4 anos) o que não permitir analisar eficazmente os efeitos de rotação e da longa duração da relação cliente-auditor. Os dados dizem respeito apenas um único país com um contexto institucional muito específico, o que não permite comparar os resultados obtidos com outros países com diferentes leis e regulamentos.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Choi et al. (2017) (Coreia do Sul) (Continuação)				<p><u>Resultados respeitantes à rotação obrigatória vs voluntária na QA:</u></p> <p>A QA das empresas que fazem um processo de rotação obrigatório diminui (valores positivos dos <i>accruals</i> anormais) comparativamente ao verificado quando o processo de rotação é voluntário.</p> <p>A diferença verificada ao nível da QA entre empresas com processos de rotação obrigatório e com processos de rotação voluntários, não se revela estatisticamente significativo quando a relação auditor-cliente é mais longa.</p> <p>A QA associada a um processo de rotação obrigatória tende a melhorar quando a empresa auditoria roda de uma empresa não <i>Big 4</i> para <i>Big 4</i>.</p>	
Karami et al. (2017) (Irão)	Existe associação entre a manutenção da relação entre o auditor-cliente e o atraso do relatório de auditoria em função do efeito da especialização na indústria do setor de auditoria?	141 firmas em 25 indústrias cotadas na bolsa de valores do Teerão. Dados obtidos retirados do <i>Rah-Avard Novin Software</i> relativos aos anos de 2010-2014.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> Número de dias entre o final do ano económico e a emissão do relatório de auditoria (<i>Audit Report Lag</i>).</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Duração da relação auditor-cliente, especialização na indústria.</p>	A permanência de uma relação entre o auditor-cliente não apresenta associação significativa com o atraso do relatório de auditoria com ou sem o efeito da especialização do setor de auditoria.	<p>O papel da comissão de auditoria é um fator que deveria ser controlado quando se pretende avaliar a QA.</p> <p>Amostra reduzida considerando o número de setores de atividade analisados na presente investigação.</p> <p>O período de tempo analisado (2010-2014) é reduzido tendo em conta um dos determinantes da QA que estão a ser analisados (duração da relação auditor-cliente).</p>
Turel et al., (2017) (Turquia)	Existe relação entre a duração da relação cliente-auditor e a QA?	234 empresas não financeiras cotadas na bolsa de valores da Turquia. Resultados relativos ao ano de 2014.	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários através de dois modelos (Modelo <i>Modified Jones</i> e Modelo <i>Larcker and Richardson</i>), emissão de relatórios de auditoria modificados.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Duração da relação auditor-cliente.</p>	<p>Não existe associação significativa entre a QA e a manutenção do auditor através do uso de <i>accruals</i> discricionários pelo Modelo <i>Modified Jones</i>.</p> <p>Existência de associação significativa e negativa entre a QA e a manutenção do auditor através do uso de <i>accruals</i> discricionários pelo Modelo <i>Larcker and Richardson</i>.</p> <p>Não existe associação significativa entre a QA e a manutenção do auditor medido pela emissão de relatórios de auditoria modificados.</p>	<p>Início da rotação obrigatória na Turquia ocorreu apenas em 2010, o que limita o tempo para analisar de modo robusto o efeito da relação auditor-cliente de longa duração na QA.</p> <p>Amostra reduzida e limitada a apenas um ano (2014).</p>

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Ubaka (2017) (Nigéria)	Existe relação dos honorários de auditoria e a duração da relação auditor-cliente com QA nas empresas da Nigéria?	60 observações, relativos aos anos de 2011-2016 de 11 empresas do setor de bens de consumo cotadas na bolsa de valores da Nigéria.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Pertença ao Big 4. <u>Variáveis Independentes:</u> Honorários dos auditores, duração da relação auditor-cliente.	Os honorários do auditor não contribuem para uma variação significativa da QA. A duração da relação auditor-cliente está associada a uma melhoria da QA.	<i>Proxy</i> da QA usada é uma medida que tanto pode ser considerada como não significativa na associação com a QA como significativa, atendendo à literatura académica. Desta forma, considera-se uma limitação neste estudo apenas o seu uso na medição da QA. Dados limitados a 60 registos de cada variável analisada na presente investigação, de 11 empresas, obtidos num período de tempo já considerado longo (6 anos), o que não nos permite obter resultados conclusivos sobre o real efeito dos honorários e da relação auditor cliente na QA. A ausência de um país desenvolvido na amostra é relevante quer para comparar com os resultados obtidos no presente estudo focado num país em desenvolvimento, quer para uma possível generalização dos resultados para outros países semelhantes.
Nkemjika et al. (2017) (Nigéria)	A QA é influenciada pela existência de “anomalias” nos honorários de auditoria, pela independência dos auditores e pela duração da sua ligação com as empresas clientes?	14 bancos (50% dos bancos listados na bolsa de valores da Nigéria). Os dados obtidos são relativos ao ano de 2014.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Abnormal loan loss</i> . <u>Variáveis Independentes:</u> Anomalias nos honorários de auditoria, independência do auditor, duração da relação auditor-cliente.	A associação verificada entre a QA e a existência de anomalias nos honorários é positiva e significativa. A independência do auditor contribui para uma melhor QA. A duração da relação entre o auditor e a empresa cliente não parece influenciar de modo significativo a QA.	A amostra é insuficiente para uma melhor robustez dos resultados obtidos. Adicionalmente, o facto de os dados retirados serem referentes apenas ao ano de 2014 pode constituir uma limitação para uma melhor compreensão do efeito dos honorários e dos aspetos como a duração da relação do auditor com o cliente na QA. Amostra restrita a apenas bancos nigerianos, o que não possibilita generalizar os resultados obtidos no setor bancário para todo o continente Africano. A ausência de um país desenvolvido na amostra para comparar os resultados obtidos com um país em desenvolvimento como a Nigéria.
Kyriakou & Dimitras (2018) (Grécia)	Será que a manutenção do compromisso entre auditor e cliente está associado à QA em empresas de 4 países da UE (Alemanha, Itália, França e Espanha)?	1.576 empresas não pertencentes à indústria financeira em 4 países da UE (Alemanha - 628, França - 628, Itália - 208 e Espanha - 112) para o período 2005-2013.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, emissão de relatórios de auditoria modificados. <u>Variáveis Independentes:</u> Manutenção da relação entre auditor-cliente a longo prazo (por mais de 3 anos).	Não existe associação significativa entre a manutenção da relação entre auditor e cliente e a QA (menor probabilidade de emissão de opinião qualificada) a longo prazo nas empresas dos países da Alemanha, Itália e França.	Resultados obtidos não são representativos da realidade financeira e de auditoria na UE, uma vez que contempla apenas 4 países europeus. Resultados obtidos apenas de empresas que não pertencem à indústria financeira, o que pode impedir o controlo de determinados aspetos mais específicos de auditorias realizadas em empresas da indústria financeira.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Kyriakou & Dimitras (2018) (Grécia) (Continuação)			<u>Variáveis de Controlo:</u> Relação entre o fluxo de caixa (OCF) e <i>accruals</i> discricionários, dimensão da empresa de auditoria, pertença ao <i>Big 4</i> , relação entre o efeito da alavancagem financeira (<i>leverage</i>) e os <i>accruals</i> discricionários, variação do PIB devido à crise financeira, rentabilidade operacional do ativo (ROA).	Em Espanha, a relação existente entre a manutenção de uma relação de compromisso entre auditor e empresa cliente contribui para a ocorrência de um menor valor de <i>accruals</i> discricionários, e por sua vez, para uma melhor QA, quando a duração da relação entre auditor e cliente é igual ou superior a 3 anos, considerando o modelo <i>GMM</i> (<i>Generalized Methods of Moments</i>) tendo em consideração algumas variáveis de controlo como Fluxos de Caixa Operacionais (OCF), dimensão da empresa de auditoria, <i>Leverage</i> , ROA.	
Bratten et al. (2019) (EUA)	Existe associação entre a duração do mandato do auditor com o seu cliente e a qualidade das DF's? A associação entre a duração do compromisso auditor-cliente e as DF's é superior em bancos mais complexos?	6.721 observações, alusivos aos anos 2000-2012, de bancos norte americanos retirados de fontes como <i>SNL Financial, Containing Bank Financial Information e Audit Analytics</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> Manipulação de resultados, reformulações, falhas bancárias; prevenção de perdas. <u>Variáveis Independentes:</u> Manutenção de uma relação entre a empresa de auditoria e o cliente a longo prazo, manutenção de uma relação entre a empresa de auditoria e o cliente a médio prazo, manutenção de uma relação entre a empresa de auditoria e o cliente a curto prazo, complexidade dos bancos.	A manutenção de uma relação entre a empresa de auditoria e o cliente a longo prazo mitiga o risco de manipulação de resultados de forma superior quando comparada a uma relação auditor-cliente de médio prazo. A manutenção de uma relação entre a empresa de auditoria e o cliente a médio prazo mitiga o risco de manipulação de resultados de forma superior quando comparada a uma relação auditor-cliente de curto prazo. Associação forte e positiva entre manutenção de uma relação entre a auditor-cliente e a qualidade das DF's, principalmente nos bancos mais complexos, na medida em que estes exigem mais investimento em <i>expertise</i> . Os bancos com manutenção de uma relação auditor-cliente de longo prazo têm menor probabilidade de evitar perdas, menor capacidade dos gerentes dos bancos atingirem ou superarem resultados do ano anterior, de existir reformulações nas DF's e falhas bancárias.	Escassez de estudos na literatura que relacionem a duração da relação auditor-cliente com a QA em indústrias reguladas como o caso das instituições bancárias. Esta situação torna mais difícil a discussão e comparação dos resultados obtidos neste estudo.
Alsmairat et al. (2019) (Jordânia)	Fatores como a manutenção do auditor e a dimensão da empresa de auditoria apresentam uma associação positiva e significativa com a QA?	200 questionários distribuídos aos auditores externos na Jordânia, mas apenas 150 foram respondidos.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Perceção da QA dos auditores externos. <u>Variáveis Independentes:</u> Dimensão da empresa de auditoria, manutenção da relação auditor-cliente.	Associação positiva e significativa da manutenção da relação auditor-cliente na QA. Não existe associação significativa entre a dimensão da empresa de auditoria e a QA.	Uma limitação deste artigo é o grande foco na perceção dos auditores como medida para a QA. Entende-se necessário a incorporação de outras perceções como dos clientes e legisladores e também medidas mais diretas e objetivas como indicadores financeiros.

Tabela 4. Descrição das investigações sobre a relação entre o mandato do auditor e a QA.

Os resultados dos estudos revistos que focam o efeito do processo de rotação do auditor na QA, sintetizados na tabela 5, relevam, na sua maioria, uma relação significativa do efeito da rotação do auditor na QA (Lennox et al., 2014; Corbella et al., 2015; Elder et al., 2015; Stakebrand, 2016²³; Choi et al., 2017; Febrianto et al., 2017; Wang & Zhu, 2018).

Porém, é importante considerar que esta relação significativa da rotação com a QA pode assumir diferentes formas. Assim, esta pode ser positiva, no sentido em que o efeito da rotação pode contribuir para uma melhor QA (Lennox et al., 2014; Corbella et al., 2015²⁴; Elder et al., 2015; Stakebrand, 2016; Wang & Zhu, 2018²⁵), ou negativa em que a QA tende a diminuir (Corbella et al., 2015²⁶; Choi et al., 2017).

O efeito positivo do processo de rotação verificado em alguns estudos varia de acordo com o tipo de rotação, salientando-se essencialmente quando a rotação ocorre ao nível da empresa de auditoria (Corbella et al., 2015; Elder et al., 2015; Stakebrand, 2016; Wang & Zhu, 2018), comparativamente à rotação do *partner* de auditoria, cujo contributo positivo só foi possível observar em apenas num único estudo (Lennox et al., 2014).

A melhoria na QA tende a observar-se logo após o processo de rotação, isto é, a curto prazo (Lennox et al., 2014; Stakebrand, 2016) mas há estudos que defendem a melhoria também no longo prazo (Cameran et al., 2015; Stakebrand, 2016).

O tipo de rotação (obrigatória e voluntária) também parece contribuir para uma melhor QA (Corbella et al., 2015; Elder et al., 2015; Stakebrand, 2016; Febrianto

23 Esta relação significativa só se verifica no caso em que foram apenas selecionados dois países no estudo (Itália e Holanda).

24 Relação positiva e significativa da rotação na QA considerando a rotação de empresas de auditoria não *Big 4*.

25 Relação significativa e positiva existente apenas para as empresas estatais centrais, excluindo as empresas estatais locais e as empresas privadas.

26 Relação significativa e negativa entre a QA e a rotação quando esta diz respeito ao *partner* de auditoria.

et al., 2017; Choi et al., 2017; Wang & Zhu, 2018). Porém, nota-se que a rotação obrigatória se destaca mais que a rotação voluntária para uma melhor QA prestada pelos auditores (Stakebrandb, 2016; Febrianto et al., 2017; Wang & Zhu, 2018).

Um aspeto que se constata e que pode interferir nesta relação entre a QA e o efeito de rotação do auditor é a dimensão da empresa de auditoria. Neste contexto é possível observar-se que a rotação obrigatória dos auditores apresenta um efeito mais significativo e positivo na QA das empresas auditadas quando as empresas de auditoria passam de não *Big 4* para *Big 4* após a rotação (Choi et al., 2017; Febrianto et al., 2017).

Por sua vez, o efeito negativo do processo de rotação na QA não se apresenta destacado nos estudos revistos, na medida em que apenas um número mais reduzido de autores é que evidencia que a QA é pior quando se verifica a rotação do *partner* de auditoria (Corbella et al., 2015), a curto prazo (Choi et al., 2017), sendo esta relação inferior quando a rotação é obrigatória comparativamente à voluntária (Choi et al., 2017).

Por último, através da análise de alguns artigos presentes na literatura, também se verifica uma menor tendência para a rotação do auditor não contribuir de forma significativa para a QA, sendo mais reduzido o número de investigações (Cameran et al., 2016; Postma, 2016; Stakebrand, 2016²⁷).

²⁷ Esta relação não significativa é verificada quando a amostra analisada abrange os 4 países da EU.

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Lennox et al. (2014) (China)	O processo de rotação do <i>partner</i> de auditoria está relacionado com a existência de ajustamentos no último ano antes da rotação obrigatória e no primeiro ano após a rotação para assim evidenciar melhor QA?	6.341 observações de empresas chinesas de 13 diferentes setores, relativas ao período entre 2006-2010. Os dados foram retirados da base de dados <i>Inspection Bureau's audit adjustments</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> Ajustamentos pelo auditor nas DF's. <u>Variáveis Independentes:</u> <i>Partner</i> de auditoria no último ano de mandato, <i>partner</i> de auditoria no primeiro ano após o processo de rotação.	Evidência de melhor QA (medida pelos ajustamentos realizados pelo auditor nas DF's) no último de ano antes da rotação obrigatória do <i>partner</i> de auditoria. Verifica-se igualmente que a QA tende a melhorar no ano logo a seguir ao processo de rotação obrigatória, ou seja, com a entrada de um <i>partner</i> de auditoria substituto.	Dados limitados no tempo (apenas relativos a 4 anos) o que não permite analisar com precisão e robustez a influência da maior duração da relação auditor-cliente no processo de rotação obrigatória do <i>partner</i> de auditoria com a QA. Não foi possível verificar se os benefícios na QA diferem quando a rotação obrigatória diz respeito à empresa de auditoria.
Corbella, et al. (2015) (Itália)	Existe associação entre a rotação (obrigatória ou voluntária) das empresas de auditoria e a QA prestada?	1.583 observações no período 1997-2011 relativos a empresas do setor não financeiro cotadas na bolsa Italiana (<i>Milan Stock Exchange</i>). Os dados foram retirados de fontes diversas como o website da bolsa italiana, website das próprias empresas e, ainda, da base de dados AIDA.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários de empresas auditadas por <i>Big 4</i> e não <i>Big 4</i> (resultados conjuntos), <i>Accruals</i> discricionários de empresas não auditadas por <i>Big 4</i> , <i>Accruals</i> discricionários de empresas auditadas apenas por <i>Big 4</i> . <u>Variáveis Independentes:</u> Rotação voluntária da empresa de auditoria, Rotação obrigatória da empresa de auditoria, Rotação do <i>partner</i> de auditoria.	Não existe uma associação entre a rotação das empresas de auditoria <i>Big 4</i> (voluntária ou obrigatória) com a QA, medida pelos <i>accruals</i> discricionários. No entanto, nesta situação não existe custos adicionais de um aumento dos honorários de auditoria. Ambos os processos de rotação (voluntário e obrigatório) das empresas de auditoria não <i>Big 4</i> apresentam uma associação positiva com a QA, medida pelos <i>accruals</i> discricionários, associada a uma redução dos honorários de auditoria. Associação negativa e significativa da rotação do <i>partner</i> de auditoria com a QA, medida pelos <i>accruals</i> discricionários. Em geral, parece que as rotações das empresas de auditoria apresentam um efeito mais significativo e positivo na qualidade das auditorias das empresas não auditadas por <i>Big 4</i> relativamente às auditadas por <i>Big 4</i> .	A utilização de <i>accruals</i> discricionários como <i>proxy</i> da QA constitui, uma limitação, pois este é o produto conjunto entre administração e a empresa de auditoria. Logo, não se pode isolar os efeitos da qualidade das DF's na QA realizada.
Cameran et al. (2015) (Itália)	A rotação faz com que os auditores de saída evidenciam menor esforço de auditoria e menor QA na ausência de incentivos para a renomeação? A rotatividade faz com que os auditores que vão entrar tenham que dispendir maior número de horas e tenham de cobrar honorários mais elevados devido aos custos iniciais? A rotação faz com que os novos auditores tenham QA inferior no curto prazo?	667 observações de empresas, cotadas na bolsa Italiana (<i>Milan Stock Exchange</i>), auditadas por um auditor <i>Big 4</i> , relativo ao período 2006-2009.	<u>Variáveis Dependentes:</u> Honorários de auditoria, horas dispendidas para a realização de auditorias, <i>accruals</i> anormais. <u>Variáveis Independentes:</u> Rotação obrigatória, rotação voluntária, pré-rotação obrigatória, pré-rotação voluntária.	Os valores dos <i>accruals</i> anormais não variam de modo significativo quando ocorre um processo de rotação (quer obrigatório, quer voluntário), o significa que a QA não parece ser influenciada pela existência da rotação dos auditores. A associação negativa verificada entre a duração da relação entre auditor e cliente com os valores dos <i>accruals</i> anormais. Esta situação indica que a QA tende a melhorar quanto maior for a duração do mandato do auditor. Mais especificamente, a QA tende a ser mais baixa (os valores dos <i>accruals</i> anormais verificados nas DF's são superiores) nos primeiros 3 anos após a rotação, comparativamente aos anos posteriores.	Apenas foram analisadas empresas auditadas por um auditor pertencente ao <i>Big 4</i> , não se avaliando, neste caso a influência do processo de rotação e da relação cliente-auditor na QA em empresas auditadas por não <i>Big 4</i> .

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Elder et al. (2015) (EUA)	A influência da rotação dos auditores na QA é moderada pela escolha de uma empresa de auditoria especializada?	216 respostas de questionários a entidades governamentais do Estado da Flórida.	<u>Variáveis Dependentes:</u> N ^o de incumprimentos (<i>Non-comply</i>). <u>Variáveis Independentes:</u> Rotação das empresas de auditoria, especialização dos auditores.	A presença de políticas de rotação para as empresas de auditoria (voluntária ou obrigatória) estão associadas ao recurso a empresas de auditoria especializadas. O uso de empresas de auditoria especializadas e a obrigatoriedade de rotação da empresa de auditoria sugere uma maior QA. Clientes que adotaram as políticas de rotação eram mais propensas a ter melhor QA.	Amostra usada bastante restrita apenas a entidades governamentais do Estado da Flórida.
Postma (2016) (Itália)	A rotação das empresas de auditoria influencia a QA prestada em empresas de capital aberto?	122 empresas italianas não financeiras de capital aberto para o período 2013-2014. Informação retirada da base de dados <i>ORBIS</i> e outras coletadas manualmente a partir das DF's das empresas específicas em questão.	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> correntes anormais. <u>Variáveis Independentes:</u> Rotação da empresa de auditoria.	A rotação da empresa de auditoria não influencia de modo significativo a QA.	Impossibilidade de generalizar resultados pelo facto do modelo estimado não seguir os pressupostos de regressão linear múltipla. Amostra reduzida e limitada apenas a empresas não financeiras não permitindo a generalização dos resultados. Período de tempo usado escasso (2013-2014) para se retirar conclusões precisas sobre o efeito da rotação da empresa de auditoria na QA.
Stakebrand (2016) (Holanda)	Existe relação entre a rotação do auditor na QA a curto e longo prazo?	19.973 registos (financeiros e de auditoria) de 1.699 empresas europeias (Áustria, Bélgica, Alemanha, Itália, Luxemburgo e Holanda), relativos aos anos 1995-2014, retirados da base de dados <i>Compustat Global</i> .	<u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários, <i>accruals</i> discricionários anormais (<i>Abnormal Working Capital Discretionary</i>), medida para evitar perdas (<i>Avoid Loss Ratio</i>). Estas variáveis são medidas logo após 1/2/3/4/5 anos de rotação. <u>Variáveis Independentes:</u> Rotação do Auditor. <u>Variáveis de Controlo:</u> Rotação (obrigatória vs voluntária).	Considerando todos os países da amostra, não existe evidência significativa de uma associação entre a QA (considerando as 3 <i>proxies</i> analisadas) e a rotação do auditor (quer no primeiro ano, quer nos 5 anos seguintes). Tal resultado revela que a rotação do auditor não contribui para a variação da QA, quer a curto como a longo prazo. Também não se verificam diferenças entre o facto da rotação ser obrigatória ou voluntária na QA (considerando as 3 <i>proxies</i>). Analisando os resultados considerando apenas dois países (Itália que tem rotação obrigatória dos auditores e Holanda que se encontra mais representada na amostra em termos de empresas, mas não apresenta rotação obrigatória) podemos verificar que: 1. Existe um aumento significativo da QA logo após a rotação (curto prazo), que depois diminui significativamente passado 3 anos. 2. As anomalias verificadas nos <i>accruals</i> só se revelam significativas no 4 ^o e 5 ^o ano após a rotação (efeito a longo prazo). Dado a relação verificada ser negativa, nota-se uma melhoria da QA nestes últimos anos.	Acesso reduzido a dados relativos a auditorias o que não permitiu avaliar efeitos de variáveis pertinentes para a QA como a duração da relação entre auditor-cliente e os honorários de auditoria. Número reduzido de auditores em processo de rotação o que pode limitar a relação entre a rotação com a QA. Modelos explicativos da QA limitados e pouco significativos devido à fraca qualidade das <i>proxies</i> usadas para medir a QA (<i>accruals</i> discricionários). Ausência de variáveis de controlo pertinentes, como os honorários de auditoria, a duração da relação auditor-cliente, dimensão e a especialização. Empresas muitas vezes não são obrigadas a divulgar o tipo de rotação utilizado o que limita o número de rotações em que a mesma é obrigatória. Esta situação dificulta a análise das diferenças entre o tipo de rotação (voluntária ou obrigatória).

Autor (País)	Questão de Investigação	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Stakebrand (2016) (Holanda) (Continuação)				<p>3. A rotação obrigatória está associada de modo significativo a melhor QA, comparativamente à rotação voluntária, no 4º e 5º ano após a rotação, considerando os <i>accruals</i> discricionários.</p> <p>4. O efeito da rotação obrigatória na QA é mais elevado que o da rotação voluntária, quer no primeiro ano após a rotação (curto prazo) quer nos anos 4 anos seguintes (longo prazo), no que respeita ao <i>Avoid Loss Ratio</i>.</p>	
Choi et al. (2017) (Coreia do Sul)	<p>Existem diferenças significativas na QA entre as empresas de auditoria que estão sujeitas a um processo de rotação obrigatória e as que não estão sob esse efeito?</p> <p>Será que essa diferença se verifica quando as empresas clientes mudam de empresa de auditoria entre <i>Big 4</i> e não <i>Big 4</i>?</p> <p>A diferença verificada antes e após a rotação variam em função da duração da relação entre auditor e cliente?</p>	<p>334 empresas públicas cotadas na bolsa de valores da Coreia.</p> <p>Das empresas analisadas a maioria transitou de uma empresa <i>Big 4</i> para outra <i>Big 4</i> (n=145, 43.41%), só foi sujeita a dois processos de rotação (n=121, 36.23%) e apresenta um período mínimo de duração de relação com a empresa de auditoria (6 anos) (n=88, 26.35%).</p> <p>Os dados obtidos são relativos aos anos de 2006-2009 e foram retirados do <i>KIS-VALUE</i> e <i>Data-Guide database systems</i>.</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários anormais estimados pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 1995), <i>Accruals</i> discricionários anormais estimados pelo modelo de Kothaur et al. (2005), Valor absoluto dos <i>accruals</i> obtidos pelo modelo <i>Modified Jones</i> (Dechow et al., 1995), Valor absoluto dos <i>accruals</i> obtidos pelo modelo de Kothaur et al. (2005).</p> <p><u>Variáveis Independentes</u> ROT 1 (FROT vs PROT) (Diferença entre o período pós-rotação e pré-rotação, quando a rotação é obrigatória)</p> <p>ROT 2 (FROT vs VROT) (Diferença entre a rotação obrigatória e a rotação voluntária).</p> <p>Mudança de empresa de auditoria (<i>Big 4</i> vs não <i>Big 4</i>).</p> <p>Duração da relação auditor-cliente.</p>	<p><u>Resultados respeitantes ao período pré-rotação e após rotação na QA:</u></p> <p>A QA das empresas com processo de rotação obrigatória é inferior no período pós-rotação face aos períodos anteriores (pré-rotação), medido pelo valor dos <i>accruals</i> discricionários.</p> <p>Esta relação tende a melhorar no caso da empresa auditora ter mudado de não <i>Big 4</i> para <i>Big 4</i>.</p> <p>A QA verificada após o processo de rotação tende a ser menor quando a empresa auditora já tem uma longa relação com o cliente.</p> <p><u>Resultados respeitantes à rotação obrigatória vs voluntária na QA:</u></p> <p>A QA das empresas que fazem um processo de rotação obrigatório diminui (valores positivos dos <i>accruals</i> anormais) comparativamente ao verificado quando o processo de rotação é voluntário.</p> <p>A diferença verificada ao nível da QA entre empresas com processos de rotação obrigatório e com processos de rotação voluntário, não se revela estatisticamente significativo quando a relação auditor-cliente é mais longa.</p> <p>A QA associada a um processo de rotação obrigatória tende a melhorar quando a empresa auditora roda de uma empresa não <i>Big 4</i> para <i>Big 4</i>.</p>	<p>As medidas utilizadas para analisar a QA (<i>accruals</i> discricionários anormais) não apresentam grande robustez. Isto significa que, em geral, os modelos estimados com esta medida, não apresentam qualidade suficiente para explicar a QA.</p> <p>Dados obtidos são de um curto período de tempo (apenas 4 anos) o que não permitir analisar eficazmente os efeitos de rotação e da longa duração da relação cliente-auditor.</p> <p>Os dados dizem respeito apenas um único país com um contexto institucional muito específico, o que não permite comparar os resultados obtidos com outros países com diferentes leis e regulamentos.</p>

Autor (País)	Questão de Investigações	Amostra	Variáveis/Medidas de Avaliação	Principais Resultados	Limitações
Febrianto et al. (2017) (Indonésia)	<p>A pseudo rotação obrigatória de auditores tem efeito significativo na QA?</p> <p>Será que a QA diverge quando o processo de rotação é obrigatório e quando é voluntário?</p> <p>A QA das empresas que alternam entre auditores de empresas de grande dimensão é diferente da verificada nas empresas que transitam de auditores entre empresas de diferentes dimensões?</p>	<p>857 empresas cotadas na bolsa de valores da Indonésia.</p> <p>Os dados são relativos ao período de 2003-2015.</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Dimensão da empresa de auditoria, pertença ao <i>Big 4</i>, rotação voluntária, rotação obrigatória, rotação pseudo obrigatória.</p>	<p>A rotação obrigatória de empresas de auditoria evidencia menores <i>accruals</i> discricionários e, portanto, melhor QA face à rotação voluntária.</p> <p>Não existe associação significativa entre a pseudo rotação obrigatória e os outros tipos de rotação.</p> <p>A QA (medida pelos <i>accruals</i> discricionários) é superior quando existe a rotação de uma empresa de auditoria <i>Big 4</i> para outra <i>Big 4</i> face a outras eventuais rotações que possam existir.</p> <p>A QA (medida pelos <i>accruals</i> discricionários) é superior quando existe a rotação de uma empresa de auditoria de grande dimensão para outra da mesma dimensão, face a outras eventuais rotações que possam existir.</p> <p>Em resumo, a QA é sempre superior quando existe rotação para uma empresa de grande dimensão (<i>Big 4</i>).</p>	<p>Medida utilizada para a QA (<i>accruals</i> discricionários) é limitada para uma robusta análise de resultados, uma vez que o modelo explicativo da QA apresenta também um ajustamento muito fraco.</p> <p>O efeito da rotação na QA apenas se verifica logo após a sua ocorrência, não se analisando a QA existente antes e depois da rotação.</p>
Wang & Zhu (2018) (China)	<p>Existe associação positiva entre a rotação do auditor (voluntária e obrigatória) e a QA?</p>	<p>1.477 observações de empresas cotadas na China que mudaram de empresa de auditoria no período 2004-2014.</p> <p>Das 1.477 observações, 461 dizem respeito a empresas estatais centrais, 417 a empresas estatais locais e 599 empresas privadas.</p>	<p><u>Variáveis Dependentes:</u> <i>Accruals</i> discricionários.</p> <p><u>Variáveis Independentes:</u> Rotação do auditor.</p>	<p>A rotação do auditor tem associação significativa e positiva com a QA no que diz respeito a empresas estatais centrais. Relativamente às empresas estatais locais e empresas privadas não existe qualquer associação significativa na relação acima descrita.</p> <p>Argumenta-se que a rotação obrigatória apresenta associação positiva com a QA no que diz respeito às empresas estatais centrais quando comparada com a rotação voluntária das empresas de auditoria.</p>	<p>Amostra escassa do número de empresas analisadas por ano e por setor, o que não permite generalizar resultados de forma robusta no que respeita à influência da rotação da empresa de auditoria na QA.</p>

Tabela 5. Descrição das investigações sobre a relação entre a rotação do auditor e a QA.

Capítulo 4

Sugestões de linhas de investigação futuras

Neste ponto serão apresentadas sugestões para pesquisas futuras na área da QA, mais concretamente no que respeita aos seus determinantes e ao modo como estes evidenciam uma melhor ou pior QA prestada pelos auditores.

Estas sugestões terão em consideração as limitações existentes nas várias pesquisas analisadas presentes na literatura nos últimos anos (2014-2019).

4.1 Honorários de Auditoria

Da análise das pesquisas realizadas relativas ao efeito dos honorários de auditoria na QA foi possível constatar uma série de limitações a ter em conta em futuros estudos, no sentido de obter resultados mais robustos e significativos nesta relação.

Alguns autores (Ettredge et al., 2014; Rahmina & Agoes, 2014; Pham et al., 2017; Ubaka, 2017) evidenciam que a qualidade dos modelos explicativos da QA poderia aumentar se fossem controladas outras variáveis relacionadas com a QA, como a especialização na indústria, a dimensão da empresa de auditoria, manutenção do auditor e os riscos de litigação da empresa de auditoria. Como tal, o uso de mais variáveis de controlo é pertinente para obter resultados mais robustos e que permitam explicar de modo significativo a presente relação.

Para além disso, considerando que a utilização dos *accruals* discricionários é, na opinião de alguns autores dos estudos revistos, uma fraca medida de QA (Kraub et al., 2014; Khan & Haq, 2015; Pham et al., 2017; Dabor & Benjamine,

2017), sugere-se para futuras pesquisas o recurso a outro tipo de medidas que permitam a apresentação de qualidade suficiente para explicar a QA.

De notar que os *accruals* discricionários, apesar de bastante criticados para medir a QA, apresentam-se como indicadores objetivos de fácil observação, sendo difícil para os autores encontrar outras medidas de avaliação alternativas.

Neste sentido, sugere-se a adoção em futuras pesquisas das reformulações (Eshlman et al., 2014; Guun & Michas, 2018; Rajgopal, Srinivasan & Zheng, 2018), das horas dispendidas pelos auditores para a realização de auditorias (Cameran et al., 2015; Hegazy et al., 2015), das distorções nas DF's (Ettredge et al., 2014), dos honorários de auditoria comparando-os com os honorários totais recebidos e com os honorários recebidos pelos especialistas (Rajgopal, Srinivasan & Zheng, 2018).

Adicionalmente, futuros investigadores podem recorrer ao uso de horas de formação dos profissionais de auditoria, ao rácio do staff de auditoria por *partner* de auditoria, ao uso dos anos de experiência de cada auditor, à carga de trabalho dos *partners*, à carga de trabalho dos gerentes e staff, à proporção de serviços distintos de auditoria no total dos rendimentos e, por fim, a gastos em formação por auditor (Pinto, 2016), na medida em que parecem ser, igualmente, boas *proxies* para medir a QA.

Existem, ainda, alguns indicadores da QA que têm vindo a ser adotados por organismos reguladores de auditoria, mas ainda não estão a ser usados na academia.

De acordo com o *Accounting and Corporate Regulatory Authority* (ACRA) medidas de avaliação como o tempo gasto pelos membros da equipa de auditoria, os anos de experiência de auditoria e especialização no setor, a média de horas de formação geral e de formação especializada dos *partners* de auditoria, dos *managers* e do staff, os resultados das inspeções internas e externas, a conformidade com os requisitos de independência, o número de funcionários em

funções de controlo de qualidade, a equipa por *partner* ou *manager* e, por último, a percentagem de perda de pessoal, são alguns dos mais comuns utilizados para medir a QA (ACRA, s.d.).

Para além do ACRA, também foram selecionados outros indicadores de QA pelo *Canadian Public Accountability Board* (CPAB).

Os resultados obtidos do estudo piloto organizado por este organismo, relativo à opinião de 18 membros de comissões de auditorias, sobre quais as melhores *proxies* da QA, permitiram obter um consenso de 75% dos participantes relativamente ao uso do tempo de execução de auditoria (horas de auditoria desenvolvidas por fase), o recurso ao trabalho de especialistas, o grau de experiência da equipa de auditoria (anos de experiência de auditoria dos elementos chave e competências específicas da equipa de auditoria), o cumprimento dos prazos acordados para entrega de informação pela gestão ao auditor, as horas de auditoria por áreas de risco significativo e, por fim, o envolvimento do *partner/manager* no trabalho de auditoria (CPAB, 2018).

Posto isto, sugere-se o uso de mais do que um indicador em futuras pesquisas para uma melhor robustez dos resultados.

De referir que a adesão expectável, ou já observável, da divulgação pública deste tipo de indicadores pelos organismos de supervisão de auditoria (FEE, 2016), incluindo a adesão expectável da própria CMVM dada a relevância que o Diretor do Departamento de Supervisão da Auditoria, Fernando Teixeira Pinto (ver, por exemplo, Pinto, 2016) tem atribuído ao assunto, facilitará, em muito, o acesso a esta informação, potenciando de forma muito relevante investigações futuras em QA. Assim, sugere-se aos investigadores em QA, incluindo aqueles que pretendem estudar o mercado Português, que se mantenham atentos aos desenvolvimentos nesta área, pois poderá estar aqui o caminho de uma nova linha de investigação robusta e inovadora.

Voltando à análise das limitações encontradas, verifica-se que se têm identificado importantes limitações nos estudos analisados. Mais especificamente verifica-se a existência de amostras limitadas e não representativas, cujos dados obtidos são reduzidos e referentes a um único país (Ettredge et al., 2014; Rahmina & Agoes, 2014; Kraub et al., 2014; Khan & Haq, 2015; Junge et al., 2016; Ubaka, 2017; Nkemjika et al., 2017; Soedaryono, 2017; Pham et al., 2017; Prazeres & Pais, 2017; Dabor & Benjamine, 2017; Mohammed et al., 2018; MohammadRezaei et al., 2018), não referem especificamente os setores analisados ou não permitem a diferenciação entre os mesmos (Jung et al., 2016; Dabor & Benjamine, 2017; Pham et al., 2017; Rahmina & Agoes, 2014; Mohammed et al., 2018; Nkemjika et al., 2017; Ubaka, 2017; Prazeres & Pais, 2017; MohammadRezaei et al., 2018) e, ainda, são limitados a um único sector (Nkemjika et al., 2017; Mohammed et al., 2018, Ubaka, 2017). Sugere-se que futuras pesquisas tenham em consideração estas limitações na amostra, de modo a obter resultados mais robustos e válidos.

Ainda considerando limitações das amostras, verifica-se que um número elevado dos estudos revistos procede à exclusão de empresas financeiras (Ettredge et al., 2014; Kraub et al., 2014; ; Khan & Haq, 2015; Ubaka, 2017; Soedaryono, 2017; Pham et al., 2017; Dabor & Benjamine, 2017; MohammadRezaei et al., 2018; Mohammed et al., 2018), o que não permite compreender o verdadeiro impacto dos honorários na QA neste tipo de empresas. Sugere-se, assim, em futuros estudos, englobar empresas quer financeiras quer não financeiras, para ser possível estudar esta relação em cada uma delas, assim como verificar se existem diferenças entre os dois tipos de indústrias.

Para finalizar, verifica-se a necessidade de estudos centrados na análise entre os honorários e a QA focados em países da UE, em especial em Portugal, uma vez que os estudos revistos, relativos aos últimos 6 anos, focam-se,

essencialmente em países não europeus (Ettredge et al., 2014; Rahmina & Agoes, 2014; Khan & Haq, 2015; Jung et al., 2016; Pham et al., 2017; Ubaka, 2017; Soedaryono, 2017; Nkemjika et al., 2017; Dabor & Benjamine, 2017; MohammadRezaei et al., 2018; Mohammed et al., 2018) o que evidencia uma limitação forte.

4.2 Dimensão da Empresa de Auditoria

A literatura existente nos últimos anos referente à associação entre o tipo de dimensão do auditor (pequena, média ou grande) é um pouco reduzida, especialmente no que refere ao impacto das empresas de baixa e/ou média dimensão na QA. Neste sentido, sugere-se que futuras investigações consigam analisar se de facto existe o efeito *Big N* tal como defendem alguns autores (Eshelman et al., 2014; DeFond et al., 2016; Prazeres et al., 2017) ou se as empresas de menor dimensão poderão apresentar em algumas circunstâncias uma melhor QA.

A leitura do artigo de Eshelman & Guo (2014) permitiu, ainda, constatar que o motivo pela qual as empresas de auditoria de maior dimensão apresentam melhor QA face às de média e reduzida dimensão ainda não foi analisado, o que seria bastante pertinente, uma vez que, segundo este autor, pode ser o resultado de responsabilidades legais e mais competência ou maior grau de especialização por parte do auditor. Comprix & Huang (2015) acrescentam que este motivo pode derivar quer de questões de independência do auditor ou mesmo da falta de *expertise* das pequenas firmas de auditoria. Assim, em função desta situação, introduzir como variáveis independentes e também de controlo a especialização do auditor e a sua independência, poderia contribuir para uma análise mais adequada do impacto da dimensão da empresa na QA.

Uma vez que os estudos analisados em Portugal analisaram o impacto da dimensão do auditor na QA em empresas cotadas na bolsa (Prazeres & Pais, 2017) e também em empresas não cotadas na bolsa (Lopes, 2018), torna-se, assim, pertinente, em futuras pesquisas, utilizar amostras que englobam os dois tipos de empresas (cotadas e não cotadas) para tornar possível a comparação entre elas em Portugal. Tal facto, iria sem dúvida, permitir uma melhor generalização dos resultados obtidos, assim como uma melhor compreensão da relação destes dois tipos de empresas e a QA existente.

Tal como no determinante da QA já analisado anteriormente, o uso de *accruals* discricionários é uma medida que pode distorcer os resultados obtidos (Eshelman & Guo, 2014; Comprix & Huang, 2015; DeFond, et al., 2016; Choi et al., 2017; Pham et al., 2017; Lopes, 2018; Abid et al., 2018; Jiang, et al., 2019), pelo que, mais uma vez, os estudos futuros devem considerar outro tipo de medidas objetivas ou, no mínimo, o uso de outras medidas de avaliação juntamente com os *accruals* que analisem a QA e permitem obter modelos mais robustos e precisos. Neste sentido, sugere-se, mais uma vez, o uso dos indicadores referidos no determinante acima (ACRA, s.d.; CPAB, 2018) de modo a ultrapassar esta limitação, chamando-se novamente a atenção para o desenvolvimento expectável nesta área.

Por fim a presente revisão de estudos permitiu constatar que em nenhum estudo foi observado mais que um país, o que constitui uma limitação do estudo uma vez que não nos permite tirar conclusões mais precisas a um conjunto de países diferentes e pertencentes a um determinado continente. Assim, estudos multinacionais seriam interessantes para colmatar esta limitação. Para além disso também se considera importante realizar mais estudos com países europeus principalmente em Portugal.

4.3 Especialização na Indústria

Garcia-Blandon & Argiles-Bosch (2017) referem como limitação da sua investigação a falta de diferentes medidas de avaliação focadas no efeito da especialização na indústria de um determinado auditor, na medida em que o nível de especialização não é observável. Considerando estes autores, torna-se, assim, importante em futuras investigações, apresentar mais do que uma *proxy* para analisar não só a existência ou não de especialização, mas também o seu nível, de modo a ser possível comparar resultados com diferentes tipos de medição e, concluir relativamente ao impacto do nível de especialização na QA.

O uso da emissão de relatórios de auditoria modificados como *proxy* da QA em determinados estudos (Fadhila, 2014; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017) acaba por ser uma medida mais subjetiva, na medida em que depende de uma opinião e competência de determinado auditor. Neste sentido, sugere-se que em futuras pesquisas os autores deem preferência ao recurso a medidas de avaliação da QA mais objetivas.

Outra questão pertinente a ser explorada em futuras investigações é, no caso de se recorrer a emissão de relatórios de auditoria modificados como *proxy* da QA, o que se considera controverso, considerar-se as características do cliente e da reputação da empresa da auditoria, tal como mencionado por Fadhila (2014).

Utilizar a emissão de relatórios de auditoria modificados como *proxy* da QA pode ser controverso na medida em que um relatório modificado exprime baixa qualidade ds DF's, independentemente da QA efetuada. Uma análise ao tipo de qualificações constantes dos relatórios de auditoria poderia trazer *inputs* interessantes nesta área. Por exemplo, uma reserva comum em Portugal sobre insuficientes imparidades para créditos não é por si sinal de alta ou baixa QA, mas sim de sobreavaliação do ativo por interesse dos órgãos de gestão da entidade. O mesmo se passa com reservas por limitação de âmbito sobre

determinadas áreas das DF's. Neste caso pode até argumentar-se que um relatório modificado está associado a uma menor QA por insuficiente trabalho de auditoria alternativo que permitisse ultrapassar a limitação de âmbito.

Mais uma vez se denota nos estudos de determinantes baseados na especialização na indústria que o uso de *accruals* discricionários como única medida de QA pode ser uma limitação, na medida em que os autores não encontram medidas alternativas (Ernstberger et al., 2015; Liu et al., 2017; Yuan et al., 2016; Garcia - Blandon & Argiles - Bosch, 2017; Butar-Butar & Indarto, 2018). Mais uma vez se sugere, a utilização de indicadores alternativos considerados, como acima referido, adequados para medir a QA (ACRA, s.d.; FEE, 2016; CPAB, 2018).

Existe uma limitação nas amostras relativamente ao nível do número de setores analisados (Fadhila, 2014; Hegazy et al., 2015), ao nível do número de empresas usadas nos estudos (Fadhila, 2014; Hegazy et al., 2015; Karami et al., 2017; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017) e, também, devido ao facto de se recorrer apenas a um único país (Fadhila, 2014; Ernstberger et al., 2015; Elder et al., 2015; Hegazy et al., 2015; Yuan et al., 2016; Karami et al., 2017; Liu et al., 2017; Gunn & Michas, 2018; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017; Butar-Butar & Indarto, 2018). Deste modo, estudos com amostras mais representativas que englobem mais setores, como no caso dos estudos de Yuan et al. (2016) e Karami et al. (2017), e que foquem em mais do que um país, é importante para melhorar a robustez dos resultados, assim como a significância da relação entre a QA e a especialização do auditor.

Uma outra grande limitação encontrada prende-se com a escassez de estudos europeus que analisem a relação da especialização do auditor na QA, uma vez que uma minoria (apenas 2 estudos em 10) abordam esta questão em países da UE (Ernstberger et al., 2015; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017). Sugere-se, então, mais pesquisas em países da Europa e, mais especificamente, em Portugal.

Apesar de se verificar, dos estudos revistos, que metade deles recorreram a empresas financeiras e não financeiras, outra metade apenas foca empresas não financeiras (Hegazy et al., 2015; Liu et al., 2017; Karami et al., 2017; Garcia-Blandon & Argiles-Bosch, 2017; Butar-Butar & Indarto, 2018). Tal facto é entendido como uma limitação e como tal uma necessidade a ser colmatada em futuros estudos, que deverão analisar o impacto da influência da especialização na QA, considerando ambos os tipos de empresas. Também seria interessante comparar os resultados obtidos entre empresas financeiras e não financeiras.

Por último e não menos relevante, há necessidade de se realizar estudos que foquem no papel da comissão de auditoria, como possível variável de controlo da relação entre a especialização e a QA, uma vez que do conjunto dos estudos revistos, não foram encontradas evidências deste tipo de efeito. Para além disso, Karami et al. (2017), também apontaram como limitação a falta de controlo deste potencial determinante na relação entre a especialização na indústria e a QA.

4.4 Manutenção da relação auditor-cliente

Diversas são as limitações presentes nos estudos revistos que se focam no determinante duração da relação auditor-cliente e o seu efeito na QA.

A limitação mais importante que futuros pesquisadores deverão ter em conta é o período pelo qual analisam este determinante, tal como defendido por alguns autores na literatura (Ball et al., 2015; Choi et al., 2017; Karami et al., 2017; Turel et al., 2017; Nkemjika et al., 2017). A extensão dos dados recolhidos a períodos de tempo o mais alargados possível é bastante relevante, na medida em que a duração da relação diz respeito a efeitos quer de curta, como média e longa duração, sendo que quanto maior for o tempo melhor será a capacidade dos modelos explicativos explicar o real impacto deste determinante na QA. Assim,

sugere-se que o período a ser analisado seja o mais alargado possível para uma melhor robustez dos resultados.

Não obstante, existem ainda preocupações pelo facto das investigações revistas apresentarem limitações ao nível da amostra devido ao reduzido número de setores de atividade incluídos (Fadhila et al., 2014; Bratten et al., 2019) e ao número limitativo de países usados (Fadhila, 2014; Rahmina & Agoes, 2014; Ball, et al., 2015; González-Díaz, et al., 2015; Cameran, et al., 2016; Choi, et al., 2017; Karami et al., 2017; Turel, et al., 2017; Ubaka, 2017; Nkemjika et al., 2017; Kyriakou & Dimitras, 2018; Bratten et al., 2019; Alsmairat et al., 2019). Deste modo é muito importante obter amostras o mais robustas possível em termos de dimensão (número de empresas ou observações) e de número de setores analisados, de forma a poder generalizar os resultados obtidos à indústria em geral e não unicamente apenas a um setor.

Uma outra limitação encontrada e que se torna pertinente ser colmatada em futuras pesquisas é a necessidade de estudos centrados na Europa dada a sua escassez (González-Díaz et al., 2015; Cameran et al., 2016; Kyriakou & Dimitras, 2018), não tendo sido nenhum encontrado focado em Portugal. A recente reforma de auditoria na Europa, conseguida através do já citado Regulamento 537/2014, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 16 de abril, e, em concreto em Portugal, a publicação da Lei n.º 148/2015, de 9 de setembro, ao impor a rotação obrigatória das empresas de auditoria de entidades de interesse público, vem potenciar futuramente os estudos nesta área.

A necessidade de usar variáveis relacionadas com a QA que possam afetar a relação existente entre a QA e a manutenção do auditor, como a rotação do auditor, dimensão do auditor, honorários de auditoria ou mesmo a especialização na indústria pelo setor de auditoria, é outra sugestão para estudos futuros, considerando a sua ausência em alguns dos estudos revistos (Rahmina & Agoes, 2014; Ball et al., 2015). Visto que a relação entre a duração da relação

auditor-cliente e o processo de rotação estão fortemente interligados, o controlo do fator rotação é quase imperativo para uma melhor compreensão da relação entre a QA e a duração do mandato do auditor.

Existem estudos que apresentam resultados mais limitados quando recorrem apenas a *proxies* de QA como *accruals* discricionários (Cameran et al., 2016; Choi, et al., 2017; Turel et al., 2017; Kyriakou & Dimitras, 2018). Adicionalmente, constata-se que em certos estudos utiliza-se medidas subjetivas de avaliação da QA como a perceção da QA dos auditores externos (Alsmairat et al., 2019) assim como a pertença da empresa de auditoria ao *Big 4* (Ubaka, 2017) e, por último, a emissão de relatórios de auditoria modificados (Fadhila, 2014; González-Díaz et al., 2015; Kyriakou & Dimitras, 2018). A realização de novos estudos com as diferentes *proxies* identificadas por alguns autores (ACRA, s.d.; CPAB, 2018) como ideais para medir a QA, será de fulcral importância para futuras pesquisas.

Por fim, ainda se pode acrescentar o facto de poucos dos estudos revistos na literatura relacionarem a duração da relação auditor-cliente com a QA em indústrias financeiras (Nkemjika et al., 2017; Bratten et al., 2019). Futuros estudos também devem focar-se em amostras com empresas financeiras, para além das não financeiras, para permitir a comparação entre os dois tipos e também permitir uma melhor generalização das conclusões retiradas.

4.5 Rotação do Auditor

A escassez de estudos mais recentes (2017-2019) que abordam a influência da rotação do auditor na QA, constitui uma das grandes limitações verificadas na presente revisão da literatura, tornando-se, neste sentido, fundamental, a realização de mais pesquisas nesta área.

Acresce ainda o facto de que na revisão da literatura efetuada são poucos os estudos centrados neste determinante ao nível europeu e, mais propriamente, em

Portugal (Corbella et al., 2015; Cameran et al., 2015; Postma, 2016; Stakebrand, 2016), pelo que se propõe a realização de mais investigações em diferentes países europeus, e também em Portugal, para melhor compreensão da relação entre o processo da rotação e a QA na realidade europeia.

Para além disso, salienta-se que a existência de uma amostra reduzida de empresas e setores a analisar têm constituído uma limitação na análise da relação entre rotação de auditor e a QA (Postma, 2016; Skatebrand, 2016; Wang & Zhu, 2018), sendo que se considera fundamental, em futuras investigações, aumentar a dimensão da amostra assim como o número de setores a analisar.

Considerando, ainda, que o recurso a amostras centradas num único país constitui uma limitação de alguns estudos (Elder et al., 2015; Postma, 2016; Choi et al., 2017; Wang & Zhu, 2018) torna-se pertinente o uso de mais do que um país em investigações futuras para uma melhor abrangência dos resultados, na medida em que amostras limitadas apenas a um cenário específico torna os resultados da pesquisa limitativos.

Adicionalmente, o período de tempo limitado presente nos várias estudos (Lennox et al., 2014; Postma, 2016; Choi et al., 2017) é um aspeto a ser colmatado em futuras pesquisas, sendo pertinente obter dados relativos a intervalos de tempo mais alargados, para uma melhor compreensão dos efeitos da rotação, especialmente no que diz respeito à rotação obrigatória, cujo processo se apresenta diferente entre os diversos países. Como acima referido, também neste ponto é expectável que a reforma da Auditoria na Europa, e, em consequência, também em Portugal, permita a obtenção de evidência importante que permita testar algumas hipóteses que se encontram em aberto na literatura.

A utilização de *accruals* discricionários como *proxy* da QA (Corbella et al., 2015; Stakebrand, 2016; Choi et al., 2017; Febrianto et al., 2017) é outra das principais limitações encontradas, na medida em que esta medida de avaliação que muitos autores recorreram é o produto conjunto entre administração e a empresa de

auditoria. No entanto, é frequente o uso desta medida de avaliação pelos autores pelo facto de outras *proxies* não serem fáceis de identificar. Porém, é importante salientar a existência de outros indicadores já identificados pelo ACRA (s.d.) e pelo CPAB (2018), de modo a tornar os resultados dos estudos robustos e válidos, como, aliás, já se referiu.

Existe, ainda, a necessidade do uso de modelos mais robustos com o recurso a mais do que uma variável de controlo, com o objetivo de ponderar o efeito de outros potenciais fatores (e.g. especialização na indústria, dimensão do auditor, honorários de auditoria e a manutenção do auditor) que possam afetar a QA quando a rotação existir, uma vez que a necessidade em controlar todos estes fatores não foi efetuado na maioria das investigações analisadas (Corbella et al., 2015; Stakebrand, 2016; Choi et al., 2017; Febrianto et al., 2017; Wang & Zu, 2018).

Considerando as análises realizadas nas investigações de Lennox et al. (2014) e Choi et al. (2017) que referem a existência de diferenças significativas na QA entre o período pré e pós rotação obrigatória e, ainda, tendo em conta o facto de outro estudo mais recente (Febrianto et al., 2017) considerar a ausência desta diferenciação uma limitação, seria interessante analisar não só o efeito da rotação após a mesma se verificar, mas também analisar um período pré-rotação, para assim os resultados serem mais robustos e obter-se uma melhor validação dos benefícios e custos da rotação do auditor.

Capítulo 5

Conclusão

A presente dissertação tem como tema central a QA e consiste numa revisão de literatura ao tema nos últimos anos (2014-2019). A presente revisão de literatura tem como principal objetivo conhecer e compreender qual a relação existente entre a QA e, os seus determinantes, por forma a explicar de que modo a mesma pode variar.

Ao longo dos anos tem-se verificado uma tendência para algumas questões “padrão” se manterem. É o caso das anomalias nos honorários de auditoria, na medida em que estas podem implicar uma alteração no esforço pelos auditores e, assim, resultar em pior QA. No entanto, outras visões e argumentos estão presentes na literatura, na medida em que para uns estudos estas anomalias resultam numa melhor QA e para outros estas anomalias não apresentam qualquer relação com a QA prestada pelos auditores.

A dimensão do auditor tendia a estar associada a uma melhoria na QA, mas as investigações mais recentes apresentam esta relação de forma ambígua e controversa, uma vez que alguns autores já encontram uma relação negativa ou mesmo não significativa entre a dimensão da empresa de auditoria e a QA, assim como uma melhor QA associada a empresas de reduzida dimensão ou uma pior QA em empresas de grande dimensão. O efeito *Big N* é algo que está a ser alvo de discussão.

Outra importante característica do auditor é o efeito da especialização na indústria que em pesquisas mais antigas estava frequentemente associado a uma melhor QA. Nos últimos anos essa tendência vai-se mantendo, embora em certos estudos esse efeito já não se verifique, não se notando sequer que a especialização tenha um impacto significativo na QA.

Em pesquisas mais antigas é muito comum observar-se que a relação entre a QA e a duração da relação auditor-cliente se revela significativa. No entanto, nas investigações revistas existe alguma controvérsia, na medida em que não se compreende de forma clara se a duração da relação entre o auditor e o cliente de longo prazo implica melhor QA, comparativamente à relação de curta duração. O efeito da perda de independência associado à manutenção do auditor encontra-se bastante presente, enquanto que, por outro lado, se verifica que o mesmo podia ser positivo dado o aumento do *expertise* das empresas clientes em função de uma relação de longa duração.

No que refere ao efeito da rotação, a literatura mais recente revista apresenta resultados mais diversificados e considera o tipo de rotação verificada (voluntária ou obrigatória), o período de tempo da rotação (longo prazo ou curto prazo) e, ainda, atende se a rotação diz respeito aos *partners* de auditoria ou às empresas de auditoria. No entanto, os autores apresentam resultados controversos, sendo necessário mais estudos centrados neste determinante.

Nos últimos anos já se nota um efeito positivo mais pronunciado na QA quando a rotação é obrigatória, e quando a mesma diz respeito a empresas de auditoria em detrimento do *partner* da auditoria.

Assim, considerando todos os resultados referidos na literatura revista, assim como muitas das limitações apresentadas pelos autores das pesquisas mais recentemente apresentadas (2014-2019) apresenta-se um conjunto de recomendações para futuros estudos, que se revelam semelhantes a todos os determinantes estudados.

De modo geral, propõe-se a realização de mais estudos na Europa, especialmente em Portugal, uma vez que os mesmos ainda se apresentam limitados e nem sempre conclusivos.

Focar as pesquisas em amostras mais representativas (maior dimensão e mais homogéneas) é outra das recomendações propostas. É importante definir

amostras representativas com mais do que um país e também de diferentes setores, de modo a possibilitar a melhor diferenciação e generalização de resultados.

A adoção de medidas de avaliação da QA mais objetivas (e.g. indicadores robustos) em detrimento de medidas já confirmadas na literatura como proporcionadas de obtenção de modelos explícitos de fraco ajustamento (e.g. *accruals* discricionários) é também outra das sugestões propostas. É de esperar nesta matéria desenvolvimentos importantes relacionados com uma maior facilidade no acesso a um conjunto de indicadores não financeiros, denominado genericamente por *Audit Quality Indicators*. Sugere-se, assim, que se acompanhe com proximidade regulamentação e relatórios de atividade de organismos supervisores de auditoria e de órgãos de fiscalização.

Salienta-se, ainda, a importância de evitar o recurso a medidas subjetivas, como por exemplo a emissão de relatórios de auditoria modificados, pertencer ou não a empresas *Big N* e, por fim, o uso das perceções da QA por parte do auditor. Dito de outra forma, os autores nas suas pesquisas entendem que a *proxy* emissão de relatório de auditoria modificado sugere melhor QA e, tal pode não ser verdade em casos de empresas que apresentem as suas DF's de acordo com o expectável. Abordando a pertença à *Big N*, os autores entendem que as empresas de auditoria *Big N* apresentam melhor QA, o que não se apresenta totalmente validado na literatura. Por último, a perceção dos auditores na QA como *proxy* para medir a QA também poderá estar inviesada, na medida em que esta perceção vai depender das competências do auditor em análise.

A realização de pesquisas que se foquem quer em empresas financeiras quer não financeiras é importante para melhor generalização das conclusões obtidas, assim como a diferenciação de resultados entre os dois tipos de empresas.

Por último, considera-se de particular relevância, que futuras investigações especifiquem claramente se o auditor em análise é o *partner* de auditoria ou se é

uma empresa de auditoria, de modo a compreender melhor os resultados obtidos assim como proceder à diferenciação entre os mesmos.

Concluindo, continua-se a verificar uma enorme importância da QA para a melhor competência e desempenho financeiro, assim como no combate a possíveis fraudes e manipulações de resultados, pelo que se considera relevante a realização de constantes investigações na área.

Bibliografia

- Abbott, L., Parker, S., & Gary, F. (2006). Earnings Management, Litigation Risk, and Asymmetric Audit Fee. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 25(1), 85–98.
- Abid, A., Shaique, M., & Haq, M. (2018). Do Big Four Auditors Always Provide Higher Audit Quality?. Evidence from Pakistan. *International Journal of Financial Studies*, 6(2), 58.
- Accounting and Corporate Regulatory Authority (ACRA) (s.d.). *Guidance to Audit Firms on ACRA'S Audit Quality Indicators Disclosure Framework*. Disponível em https://www.acra.gov.sg/docs/default-source/default-document-library/public-accountants/audit-quality-indicators-disclosure-framework/aqi_guidance-to-ac-online_final.pdf
- Adeyemi, S. B., & Fagbemi, T. O. (2010). Audit Quality, Corporate Governance and Firm Characteristics in Nigeria. *International Journal of Business and Management*, 5(5), 169–179.
- Al-Khoury, A., Ali, A., Al-Sharif, M., Hanania, J., Al-Malki, I., & Jallad, M. (2015). Auditor independence and mandatory auditor rotation in Jordan. *International Business Research*, 8(4), 73-82.
- Alsmairat, Y.Y., Yusoff, W.S., Ali, M.A., & Ghazalat, A. N. (2019). The effect of audit tenure and audit firm size on the audity quality: Evidence from Jordanian Auditors. *International Journal of Business and Tecnopreneurship*, 9(1), 15-24.
- Arrunada, B., & Paz-Ares, C. (1997). Mandatory Rotation of Company Auditors: A Critical Examination. *International Review of Law and Economics*, 17, 31-61.

- Baah, G.K., & Fogarty, T. J. (2018). What auditors think about audit quality – a new perspective on an old issue. *Journal of Managerial Issues*, 30(4), 484-505.
- Ball, F., Tyler, J., & Wells, P. (2015). Is audit quality impacted by auditor relationships?. *Journal of Contemporary Accounting & Economics*, 11(2), 166-181.
- Balsam, S., Krishnan, J., & Yang, J. (2003). Auditor industry specialization and earnings quality. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 22, 71–97.
- Becker, C., DeFond, M., Jiambalvo, J., & Subramanyam, K. (1998). The effect of audit quality on earnings management. *Contemporary accounting research*, 15(1), 1-24.
- Bedard, J., Gonthier-Besacier, N., & Schatt, A. (2014). *Analysis of the Consequences of the Disclosure of Key Audit Matters in the Audit Report*. Disponível em <http://www.hec.unil.ch/documents/seminars/dcc/1946.pdf>
- Beisland, L. A., Mersland, R., & Strøm, R. Ø. (2015). Audit quality and corporate governance: evidence from the microfinance industry. *International Journal of Auditing*, 19(3), 218-237.
- Boone, J. P., Khurana, I. K., & Raman, K. K. (2010). Do the Big 4 and the second-tier firms provide audits of similar quality?. *Journal of Accounting and Public Policy*, 29, 330–352.
- Bowlin, K., Hobson, J., & Piercey, D. (2015). The Effects of Auditor Rotation, Professional Skepticism, and Interactions with Managers on Audit Quality. *The Accounting Review*, 90, 1363-1393.
- Bortolon, P. M., Neto, A. S., & Santos, T. B. (2013). Audit Costs and Corporate Governance. *Revista Contabilidade & Finanças - USP*, 24(61), 27–36.
- Bratten, B., Causholli, M., & Omer, T. (2019). Audit firm tenure, bank complexity, and financial reporting quality. *Contemporary Accounting Research*, 36(1), 295-325.

- Brivot, M., Roussy, M., & Mayer, M. (2018). Conventions of Audit Quality: The Perspective of Public and Private Company Audit Partners. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 37(2), 51-71.
- Butar-Butar, S., & Indarto, S. (2018). Does Auditor Industry Expertise Improve Audit Quality In Complex Business Environments?. *Jurnal Akuntansi dan Keuangan*, 20(1), 1-12.
- Cameran, M., Prencipe, A., & Trombetta, M. (2016). Mandatory audit firm rotation and audit quality. *European accounting review*, 25(1), 35-58.
- Cameran, M., Francis, J., Marra, A., & Pettinicchio, A. (2015). Are there Adverse Consequences of Mandatory Auditor Rotation?. Evidence from the Italian Experience. *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 34(1), 1-24.
- Canadian Public Accountability Board (CPAB) (2018). *Audit Quality Indicators: Final Report*. Disponível em <http://cpab-crc.ca/Documents/Topics/Audit%20Quality%20Indicators/AQI%20Final%20Report%20EN.pdf>
- Carcello, J. V., & Nagy, A. L. (2004). Audit firm tenure and fraudulent financial reporting. *Auditing: a journal of practice & theory*, 23(2), 55-69.
- Carey, P., & Simnett, R. (2006). Audit partner tenure and audit quality. *The accounting review*, 81(3), 653-676.
- Carson, E. (2009). Industry specialization by global audit firm networks. *The Accounting Review*, 84(2), 355–382.
- Casterella, J. R., Francis, J. R., Lewis, B. L., & Walker, P. L. (2004). Auditor industry specialization, client bargaining power, and audit pricing. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 23(1), 123–140.
- Chaney, P., Jeter, D., & Shivakumar, L. (2004). Self-Selection of Auditors and Audit Pricing in Private Firms. *The Accounting Review*, 79(1), 51–72.

- Chen, S., Sun, S., & Wu, D. (2010). Client importance, institutional improvements, and audit quality in China: An office and individual auditor level analysis. *The Accounting Review*, 85(1), 127–158.
- Chi, W., Huang, H., Liao, Y., & Xie, H. (2009). Mandatory Audit-Partner Rotation, Audit Quality and Market Perception: Evidence from Taiwan. *Contemporary Accounting Research*, 26, 359-391.
- Chi, H. Y., & Chin, C. L. (2011). Firm versus partner measures of auditor industry expertise and effects on auditor quality. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 30(2), 201–229.
- Chin, C. L., & Chi, H. Y. (2009). Reducing restatements with increased industry expertise. *Contemporary Accounting Research*, 26(3), 729–765.
- Chin, C. L., Yao, W. R., & Liu, P.Y. (2014). Industry audit experts and ownership structure in the syndicated loan market: At the firm and partner levels. *Accounting Horizons*, 28(4), 749–768.
- Choi, J., Lim, H., & Mali, D. (2017). Mandatory audit firm rotation and Big4 effect on audit quality: evidence from South Korea. *Asian Academy of Management Journal of Accounting and Finance*, 13(1), 1-40.
- Choi, J., Kim, J., Qiu, A., & Zang, Y. (2012). Geographic proximity between auditor and client: how does it impact audit quality?. *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 31(2), 43-72.
- Choi, J., Kim, J., & Zang, Y. (2006). The association between audit quality and abnormal audit fees. *A Journal of Practical and Theory*, 29(2), 115-141.
- Choi, J., Kim, J., Qiu, A., & Zang, Y. (2007). Auditor Locality, Audit Quality and Audit Pricing. *Auditing: A Journal of Practise & Theory*, 29(1), 73–97.
- Choi, J., Kim, J., & Zang, Y. (2010a). Do abnormally high audit fees impair audit quality?. *Auditing. A Journal of Practice and Theory*, 29(2), 115-140.

- Choi, J., Kim, F., Kim, J., & Zhang, Y. (2010b). Audit Office Size, Audit Quality and Audit Pricing. *Auditing: A Journal of Practise & Theory*, 29(1), 1-40.
- Christensen, B. E., Glover, S. M., Omer, T. C., & Shelley, M. K. (2016). Understanding audit quality: Insights from audit professionals and investors. *Contemporary Accounting Research*, 33(4), 1648-1684.
- CMVM (s.d). *National Council for Audit Supervision*. Disponível em https://www.cmvm.pt/en/The_CMVM/CNSA/Pages/CNSA.aspx
- Comprix, J., & Huang, H. (2015). Does auditor size matter? Evidence from small audit firms. *Advances in accounting*, 31(1), 11-20.
- Corbella, S., Florio, C., Gotti, G., & Mastrolia, S. (2015). Audit firm rotation, audit fees and audit quality: The experience of Italian public companies. *Journal of International Accounting, Auditing and Taxation*, 25, 46-66.
- Cordoş, G. S., & Fulopa, M. T. (2015). Understanding audit reporting changes: Introduction of key audit matters. *Accounting and Management Information Systems*, 14(1), 128–152.
- Dabor, A., & Benjamine, U. (2017). Abnormal Audit Fee and Audit Quality: A Moderating Effect of Firm Characteristics. *Sriwinijaya International Journal of Dynamic Economics and Business*, 1(4), 327-340.
- Dart, E. (2011). UK investors' perceptions of auditor independence. *The British Accounting Review*, 43(3), 173-185.
- Davis, L. R., Soo, B. S., & Trompeter, G. M. (2009). Auditor tenure and the ability to meet or beat earnings forecasts. *Contemporary Accounting Research*, 26, 517–548.
- DeAngelo, L. E. (1981). Auditor Size and Audit Quality. *Journal of Accounting and Economics*, 3, 183-199.

- DeFond, M., Erkens, D., & Zhang, J. (2016). Do client characteristics really drive the Big N audit quality effect? New evidence from propensity score matching. *Management Science*, 63(11), 3628-3649.
- DeFond, M., & Zhang, J. (2014). A review of archival auditing research. *Journal of Accounting and Economics*, 58(2-3), 275-326.
- Deloitte (2015). *EU Audit Legislation*. Disponível em <https://www2.deloitte.com/content/dam/Deloitte/global/Documents/Audit/gx-deloitte-eu-audit-legislation-overview.pdf>
- Diretiva 2014/56/EU do Parlamento Europeu e do Conselho (2014). Jornal Oficial da União Europeia, L 158/196.
- Dobre, F. (2015). Are Financial Audit Elements and Corporate Governance Policies Solutions for the Economic Crisis?. *Theoretical and Applied Economics*, XXII (2), 275–284.
- Dunn, K. A., & Mayhew, B. W. (2004). Audit firm industry specialization and client disclosure quality. *Review of Accounting Studies*, 9, 35–58.
- Elder, R., Lowensohn, S., & Reck, J. (2015). Audit firm rotation, auditor specialization, and audit quality in the municipal audit context. *Journal of Government & Nonprofit Accounting*, 4(1), 73-100.
- Ernstberger, J., Koch, C., & Tan, H. (2015). What dimensions of lead auditor expertise matter for audit quality and audit fees?. Disponível em https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2574639
- Eshleman, J., & Guo, P. (2014). Do Big 4 auditors provide higher audit quality after controlling for the endogenous choice of auditor? *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 33(4), 197-219.
- Ettredge, M., Fuerherm, E., & Li, C. (2014). Fee pressure and audit quality. *Accounting, Organizations and Society*, 39(4), 247-263.

- Ettredge, M., Scholz, S., & Li, C. (2007). Audit fees and auditor dismissals in the Sarbanes-Oxley era. *Accounting Horizons*, 21(4), 371-386.
- Fadhila, A. B. (2014). Does Audit Tenure, and Audit Firm Industry Specialization Influence Audit Quality? Evidence From The Manufacturing Industry in Indonesia. *The Indonesian Journal of Accounting Research*, 17(3).
- Febrianto, R., Dini, F., Audina, D., Yuskar, Y., & Juita, V. (2017). The influence of pseudo auditor rotation on audity quality: new evidence. *Australasian Accounting, Business and Finance Journal*, 11(4), 71-85.
- Federation of European Accountants (FEE) (2016). *Overview of Audit Quality: Indicators Initiatives*. Disponível em https://www.accountancyeurope.eu/wp-content/uploads/1607_Update_of_Overview_of_AQIs.pdf
- Francis, J. R. (2004). What do we know about audit quality?. *The British accounting review*, 36(4), 345-368.
- Francis, J. R., & Yu, M. D. (2009). Big Four Office Size and Audit Quality. *The Accounting Review*, 84(5), 1521–1552.
- Gaynor, L. M., Kelton, A. S., Mercer, M., & Yohn, T. L. (2016). Understanding the relation between financial reporting quality and audit quality. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 35(4), 1-22.
- Garcia-Blandon, J., & Argiles-Bosch, J. M. (2017). Audit partner industry specialization and audit quality: Evidence from Spain. *International Journal of Auditing*, 22(1), 98-108.
- Geiger, M., Raghunandan, K., & Riccardi, W. (2014). The global financial crisis: U.S. bankruptcies and going concern audit opinions. *Accounting Horizons*, 28(1), 59–75.

- González-Díaz, B., García-Fernández, R., & López-Díaz, A. (2015). Auditor tenure and audit quality in Spanish state-owned foundations. *Revista de Contabilidad*, 18(2), 115-126.
- Goodwin, J., & Wu, D. (2014). Is the effect of industry expertise on audit pricing an office-level or a partner-level phenomenon?. *Review of Accounting Studies*, 19(4), 1532–1578.
- Gul, F., Fung, S., & Jaggi, B. (2009). Earnings quality: Some evidence on the role of auditor tenure and auditors' industry expertise. *Journal of Accounting and Economics*, 47, 265–287.
- Gunn, J. L., & Michas, P. N. (2018). Auditor multinational expertise and audit quality. *The Accounting Review*, 93(4), 203-224.
- Habib, A. (2011). Audit firm industry specialization and audit outcomes: Insights from academic literature. *Research in Accounting Regulation*, 23, 114-129.
- Habib, A. (2013). A meta-analysis of the determinants of modified audit opinion decisions. *Managerial Auditing Journal*, 28(3), 184-216.
- Hegazy, M., Al Sabagh, A., & Hamdy, R. (2015). The effect of audit firm specialization on earnings management and quality of audit work. *Journal of Accounting and Finance*, 15(4), 143-164.
- Hogan, C., & Jeter, D. (1999). Industry specialization by auditors. *Auditing: A Journal of Practice and Theory*, 18(1), 1–17.
- Hossain, S., Yazawa, K., & Monroe, G. S. (2017). The Relationship between Audit Team Composition, Audit Fees, and Quality. *Auditing: A Journal of Practice & Theory*, 36(3), 115-135.
- International Auditing and Assurance Standards Board (IAASB) (2013). *A Framework for Audit Quality*. Consultation Paper. (January). New York, NY: International Federation of Accountants.

- Jackson, A., Moldrich, M., & Roebuck, P. (2008). Mandatory audit firm rotation and audit quality. *Managerial Auditing Journal*, 23, 420-437.
- Jiang, J. X., Wang, I. Y., & Wang, K. P. (2019). Big N auditors and audit quality: New evidence from quasi-experiments. *The Accounting Review*, 94(1), 205-227.
- Jung, S. J., Kim, B. J., & Chung, J. R. (2016). The association between abnormal audit fees and audit quality after IFRS adoption: Evidence from Korea. *International Journal of Accounting and Information Management*, 24(3), 252-271.
- Jusoh, M., Ahmad, A., & Omar, B. (2013). Managerial ownership, audit quality and firm performance in Malaysian. *International Journal of Arts and Commerce*, 2(10), 45-58.
- Karami, G., Karimiyan, T., & Salati, S. (2017). Auditor tenure, auditor industry expertise, and audit report lag: Evidences of Iran. *Iranian Journal of Management Studies*, 10(3), 641-666.
- Karsemeijer, M. (2012). The relation between audit fees and audit quality. *Master Thesis of University of Amsterdam*. Disponível em <http://www.scriptiesonline.uba.uva.nl/document/476010>
- Khan, M., & Haq, A. (2015). Quality and Audit Fees: Evidence from Pakistan. *Research Journal of Finance and Accounting*, 6(7), 1-12.
- Knechel, R., Krishnan, G., Pevzner, M., Shefchik, L., & Velury, U. (2013). Auditing quality: Insights from the academic literature. *Auditing: A Journal of Practice & Theory* 32 (Supplement), 385–421.
- Kogut, J. (2013). Audit Committee Functioning in Public Interest Entities – Current Status and Future Perspectives. *Research Paper, Wroclaw University of Economics*, 302.

- Krau, P., Pronobis, P., & Zlch, H. (2014). Abnormal audit fees and audit quality: initial evidence from the German audit market. *Journal of Business Economics*, 85(1), 45-84.
- Krishnan, G. (2003). Does Big 6 auditor industry expertise constrain earnings management?. *Accounting Horizons*, 17, 1-16.
- Kyriakou, M. I., & Dimitras, A. I. (2018). Impact of auditor tenure on audit quality: European evidence. *Innovations*, 15(1), 374-386.
- Lawrence, A., Minutti-Meza, K., & Zang, P. (2011). Can Big 4 versus Non-Big 4 differences in audit-quality proxies be attributed to client characteristics?. *The Accounting Review*, 86(1), 259-286.
- Lee, H., Mande, V., & Son, M. (2009). Do lengthy auditor tenure and the provision of non-audit services by the external auditor reduce audit report lags?. *International Journal of Auditing*, 13(2), 87-104.
- Leftwich, R. W., Watts, R. L., & Zimmerman, J. L. (1981). Voluntary Corporate Disclosure: The Case of Interim Reporting. *Journal of Accounting Research*, 19 (Supplement), 85-88.
- Lennox, C., Wu, X., & Zhang, T. (2014). Does Mandatory Rotation of Audit Partners Improve Audit Quality?. *The Accounting Review*, 89, 1775-1803.
- Lin, J. W., & Hwang, M. I. (2010). Audit quality, corporate governance, and earnings management: A meta-analysis. *International Journal of Auditing*, 14(1), 57-77.
- Liu, L., Xie, X., Chang, Y., & Forgione, D. (2017). New clients, audit quality, and audit partner industry expertise: Evidence from Taiwan. *International Journal of Auditing*, 21(3), 288-303.

- Lobo, G., & Zhao, Y. (2013). Relation between Audit Effort and Financial Report Misstatements: Evidence from Quarterly and Annual Restatements. *Accounting Review* 88(4), 1385-1412.
- Lopes, A. P. (2018). Audit quality and earnings management: Evidence from Portugal. *Athens Journal of Business & Economics*, 4(2), 179-192.
- Maria, R. L. (2016). Audit firm rotation and audit quality. *Thesis Presented to Erasmus School of Economics Rotterdam*. Accounting Auditing and Control.
- Marques, I. F. (2017). Perceptions of the implicit changes of mandatory audit firms rotation: evidence from Portuguese audit firms and audited entities. *Dissertação de Mestrado*. Porto: Faculdade de Economia e Gestão.
- MohammadRezaei, F., Mohd-Saleh, N., & Ahmed, K. (2018). Audit firm ranking, audit quality and audit fees: Examining conflicting price discrimination views. *The International Journal of Accounting*, 53(4), 295-313.
- Mohammed, A., Joshua, O., & Ahmed, M. (2018). Audit Fees and Audit Quality: A Study of Listed Companies in the Downstream Sector of Nigerian Petroleum Industry. *Humanities*, 6(2), 59-73.
- Moroney, R., & Carey, P. (2011). Industry-versus task-based experience and auditor performance. *Auditing: A journal of practice & theory*, 30(2), 1-18.
- Nashwa, G. (2004). Auditor Rotation and the Quality of Audits. *The CPA Journal*, 74, 22-26.
- Nkemjika, O. M., Sunday, A. A., & Nwanaka, O. C. (2017). Audit Quality, Abnormal Audit Fee and Auditor Attributes. *International Journal of Management Excellence*, 8(3), 973-984.
- Okolie, A. O. (2014). Auditor tenure, auditor independence and accrual – based earnings management of quoted companies in Nigeria. *European Journal of Accounting Auditing and Finance Research*, 2(2), 63-90.

- Oladipupo, A. O., & Monye-Emina, H. E. (2016). Do abnormal audit fees matter in Nigerian audit market?. *International Journal of Business and Finance Management Research*, 4(6), 64-73.
- Pinto, F.T. (2016). A qualidade em Auditoria e os seus Indicadores. *Cadernos do Mercado de Valores Mobiliários*, 55. Disponível em <http://www.cmvm.pt/pt/EstatisticasEstudosEPublicacoes/CadernosDoMercadoDeValoresMobiliarios/Documents/Fernando%20Teixeira%20Pinto.pdf>
- Piot, C., & Janin, R. (2007). External Auditors, Audit Committees and Earnings Management in France. *European Accounting Review*, 16(2), 429–454.
- Pham, N. K., Duong, H. N., Pham, T. Q., & Ho, N. T. (2017). Audit firm size, audit fee, audit reputation and audit quality: The case of listed companies in Vietnam. *Asian Journal of Finance & Accounting*, 9(1), 429-447.
- Postma, E. (2016). The effects of audit firm rotation on audit quality: does audit firm rotation improve audit quality?. *Master's thesis*. University of Twente.
- Prazeres, C. M., & Pais, C. A. (2017). The audit quality and the audit firm characteristics in Portugal. *12th Iberian Conference on Information Systems and Technologies (CISTI)*, 1-6. Disponível em <https://ieeexplore.ieee.org/document/7976040>
- Rajgopal, S., Srinivasan, S., & Zheng, X. (2018). *Measuring Audit Quality*. Disponível em https://scholarspace.manoa.hawaii.edu/bitstream/10125/59284/HARC_2019_paper_82.pdf
- Rahmina, L., & Agoes, S. (2014). Influence of auditor independence, audit tenure, and audit fee on audit quality of members of capital market accountant forum in Indonesia. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 164, 324-331.

- Regulamento (UE) N° 537/2014 do Parlamento Europeu e do Conselho (2014). *Jornal Oficial da União Europeia*, L 158/196.
- Salehi, M., Mahmoudi, M., & Gah, A. (2019). A meta-analysis approach for determinants of effective factors on audit quality: Evidence from emerging market. *Journal of Accounting in Emerging Economies*, 9(2), 287-312.
- Sirois, L., Marmousez, S., & Simunic, D. (2016). Auditor size and audit quality revisited: The importance of audit technology. *Comptabilité-Contrôle-Audit*, 22(3), 111-144.
- Soedaryono, B. (2017). Relationship between abnormal audit fees and audit quality before and after the adoption of IFRS in Automotive and Transportation are listed in Indonesia Stock Exchange. *International Journal of Business and Management Invention*, 6(2), 16-25.
- Solomon, I., Shields, M., & Whittington, O. (1999). What do industry-specialist auditors know?. *Journal of Accounting Research*, 37, 191-208.
- Stakebrand, B. (2016). Auditor Rotation and audit quality in Europe. *Master Thesis*. Nijmegen: Radboud Univesity. Disponível em https://theses.uibn.ru.nl/bitstream/handle/123456789/1716/Stakebrand%2C_Bob_1.pdf?sequence=1
- Stanley, J. D., & DeZoort, F. T. (2007). Audit firm tenure and financial restatements: An analysis of industry specialization and fee effects. *Journal of Accounting and Public Policy*, 26, 131-159.
- Tendeloo, B., & Vanstraelen, A. (2005). Earnings Management under German GAAP versus IFRS. *European Accounting Review*, 14(1), 155–180.
- Turel, A., Genç, M., Özden, B., & Taş, N. (2017). Audit Firm Tenure and Audit Quality Implied by Discretionary Accruals and Modified Opinions: Evidence from Turkey. *Acta Universitatis Danubius. Œconomica*, 13(1).

- Wang, L., & Zhu, L. (2018). State Ownership, Auditor Rotation and Audit Quality. *2nd International Conference on Culture, Education and Economic Development of Modern Society (ICCESE 2018)*. Atlantis Press.
- Wong, R. M., Firth, M. A., & Lo, A. W. (2018). The impact of litigation risk on the association between audit quality and auditor size: Evidence from China. *Journal of International Financial Management & Accounting*, 29(3), 280–311.
- Ubaka, I. F. (2017). Effect of Audit Fee on Audit Quality in Listed Firms in Nigéria. *International Journal of Trend in Research and Development*, 4 (5), 319-326.
- Xie, Z., Cai, C., & Ye, J. (2010). Abnormal audit fees and audit opinion- further evidence from china capital Market. China. *Journal of Accounting Research*, 3(1), 199-209.
- Yuan, R., Cheng, Y., & Ye, K. (2016). Auditor industry specialization and discretionary accruals: the role of client strategy. *The International Journal of Accounting*, 51(2), 217-239.
- Zerni, M. (2012). Audit partner specialization and audit fees: Some evidence from Sweden. *Contemporary Accounting Research*, 29(1), 312– 340.